

ABRIL MAIO
JUNHO JULHO
AGOSTO
2011

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

PROGRAMAÇÃO ABR-AGO 2011

A *performance* tem as suas origens nos movimentos europeus de vanguarda do início do século XX – dadaísmo, futurismo, Bauhaus – e surge com grande vitalidade nos anos 60 do século passado, prolongando-se até aos nossos dias. Naquele tempo era uma forma híbrida de arte ao vivo ou de arte viva, combinando diversos meios e quebrando muitas regras quanto ao que na altura se pensava sobre o que era arte. Laboratório para muitas experiências artísticas mais radicais e originais, as *performances* eram acontecimentos efémeros, deliberadamente efémeros, que implicavam uma acção dos artistas ou intérpretes e de que quase não havia registos. Tema de intensa investigação e forma artística de novo pujante, a *performance* contemporânea diversificou-se e dificilmente se deixa aprisionar numa definição. Continua, no entanto, a ser um importante meio de questionamento da arte e das suas expressões.

Em Abril, e numa iniciativa e organização do Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA), vamos acolher durante três dias, em diversos espaços, seis *performances* de reputados artistas portugueses e estrangeiros. Poucos dias antes, e mais tarde, em Junho, acolhemos duas instalações/*performances*, integradas no ciclo “Vinte e sete sentidos”, concebido e organizado pela Granular, que terá continuação no último trimestre do ano. Será possível assistir a diferentes *performances* num curto período de tempo. Como o número de pessoas que pode assistir a cada *performance* é bastante limitado, aconselhamos a que comprem os bilhetes com antecedência.

Mas o evento mais marcante da programação deste período do ano vai ser a presença na Culturgest, em Maio, do IndieLisboa’11, 8º Festival Internacional de Cinema Independente. E é marcante pela sua dimensão, porque ocupa todos os nossos espaços (com excepção das galerias de exposições), pela adesão do público, pela cobertura mediática que o Festival sempre tem merecido e pela qualidade da programação que é, desde a primeira edição, característica do Indie. Serão muitos filmes, mas serão, sobretudo, muito bons filmes. É a possibilidade do encontro do público com esses objectos raros, porque não

vivem nos circuitos comerciais nacionais, que justifica o festival e o enorme esforço dos que o organizam.

Ainda falando de cinema, em Junho, apresentaremos um ciclo sobre o cinema húngaro contemporâneo. Oito filmes de realizadores nascidos na década de 1970, permitirão que as pessoas descubram uma cinematografia recente de uma geração de criadores que se segue aos grandes nomes Béla Tarr, István Szabó ou Miklós Jancsó. O ciclo abre com um filme de Kornél Mundruczó, realizador premiado em festivais como o de Locarno ou o de Cannes.

Na dança e no teatro vamos ter cinco estreias absolutas. Tânia Carvalho, que esteve no nosso Grande Auditório em 2007 com *Orquéstica* e em 2009 no Pequeno Auditório com *Barulhada*, espectáculo dirigido a crianças, traz ao nosso palco principal *Icosahedron*, uma peça para vinte bailarinos, uma co-produção internacional. Sílvia Real, que também aqui esteve em 2007 com a sua célebre trilogia *Casio Tone/Subtobe/Tritone*, convidou Francisco Camacho, também ele uma das principais figuras da dança contemporânea nacional, para criar um solo a ser por ela interpretado. É esse trabalho conjunto que poderemos ver no início de Junho.

André Murraças escreveu, encena, desenha o cenário e os figurinos da peça *Três Homens Sós*. O texto é inspirado em três argumentos de cinema, e encadeia três histórias que falam da solidão do homem numa cidade. Ou do isolamento, da substituição, do envelhecimento no masculino em ambientes citadinos nocturnos. Onde, apesar de tudo, é possível encontrar o amor. A companhia mala voadora, que iniciou a sua actividade em 2003 e se tem distinguido pela qualidade dos espectáculos que cria, traz-nos *overdrama*, um texto de Chris Thorpe encenado por Jorge Andrade. Finalmente, a companhia americana the TEAM, que esteve em 2009 na Culturgest com *Architecting*, considerado um dos melhores espectáculos do ano, vem estrear, antes de uma digressão pela Europa e pelos EUA, *Mission Drift*, “uma viagem de pioneiros que atravessa os Estados Unidos de Leste a Oeste, contada com a ajuda de explosões atómicas, lagartos bailarinos e música que funde o brilho

espampanante de Las Vegas com as baladas do Oeste e os *blues* do Sul”.

O projecto PANOS, agora na sua sexta edição, uma iniciativa da Culturgest que se espalhou por todo o país, vai ter mais um pequeno festival de apresentação de seis espectáculos de grupos de teatro juvenil que montaram peças escritas de propósito para jovens intérpretes. O entusiasmo, a frescura, o talento de actores e encenadores são contagiantes e as criações que constroem surpreendem pela sua qualidade. Experimente assistir a algum. Vai ver que fica cliente.

Vamos al tiroteo, versiones de un tiempo pasado é um magnífico espectáculo de flamenco contemporâneo muito enraizado no passado, que tem como ponto de partida canções populares espanholas seleccionadas por García Lorca. Premiado logo na sua primeira apresentação na Bienal de Flamenco de Sevilha, tem tido enorme e merecido sucesso por onde tem passado.

A música brasileira estará representada por dois concertos. Logo no princípio de Abril, Vitor Ramil regressa a Portugal, a solo, com o concerto *délibáb*, baseado no homónimo CD, o mais recente que gravou. Ná Ozzetti, que em 2007 aqui esteve com José Miguel Wisnik, apresenta o espectáculo *Balangandãs* em que interpreta canções brasileiras dos anos de 1930 a 1950 de compositores como Ari Barroso ou Dorival Caymmi. *Balangandãs* é também o título do CD que gravou a partir do espectáculo e que teve grande sucesso no Brasil, onde foi premiado. Dois concertos para descobrir ou redescobrir artistas que não têm tido no nosso país a atenção que merecem.

Dois concertos do ciclo “Isto é jazz?”, com a cantora Sidsel Endresen e com um quinteto do qual sobressai o nome do saxofonista Ken Vandermark, e um recital de canto e piano, integrado no ciclo Concertos no Palco, que junta dois dos mais notáveis intérpretes nacionais, Jorge Vaz de Carvalho e João Paulo Santos, num programa de *lied* e *mélodie*, completam a programação musical.

Estados de Guerra é um ciclo de quatro conferências concebido por Rui Trindade e que reúne quatro especialistas sobre alguns dos

“teatros de guerra” que se instalaram de uma forma difusa na nossa contemporaneidade, abandonando as convenções e os modelos do passado. Uma reflexão prospectiva sobre alguns dos problemas mais urgentes da vida contemporânea.

Steve Paxton é uma personalidade marcante da dança contemporânea. Pela mão do c.e.m – centro em movimento, e a nossa colaboração, vem a Lisboa e na Culturgest nos dará uma conferência/demonstração. Obrigatório para quem se interessa pela dança do nosso tempo.

Aquilo que se passa no palco de um teatro, visto por dentro, os meios e os instrumentos que se usam para criar a magia do espectáculo, suscitam sempre algum fascínio sobre o espectador. Organizámos, por isso, algumas “visitas encenadas” que desvendam, de uma forma aliciente, o que se passa “por detrás da cortina”.

Quanto à nossa programação de exposições, entre as que estão em exibição e as que vão inaugurar, realçamos a que vai acontecer no Porto, entre Maio e Agosto, sobre a obra gráfica de Luísa Correia Pereira (1945-2009), uma artista que grande parte do mundo da arte desconhece ou à qual permanece indiferente, apesar da extraordinária importância do seu trabalho.

Em Fevereiro a Culturgest inaugurou uma livraria especializada em arte contemporânea. A livraria e a actividade editorial da Culturgest oferecem o pretexto e o contexto para conversas com diferentes artistas, editores, designers e autores, em torno de publicações de arte. Os convidados no mês de Abril são os artistas Willem Oorebeek, Aglaia Konrad e Asier Mendizabal, que temos o prazer de receber no Pequeno Auditório.

Orgulhamo-nos do trabalho que o nosso Serviço Educativo leva a cabo, ligado ou não às exposições, muito variado e dirigido a pessoas de todas as idades. Não deixe de consultar as páginas desta brochura onde vêm discriminadas estas acções.

Como sempre, esperamos por si, convictos de que temos boas razões para tal.

Música

- 10 **délibáb** Vitor Ramil
- 14 **Jorge Vaz de Carvalho e João Paulo Santos**
- 22 **Sidsel Endresen**
- 28 **Alan Bishop & Richard Bishop**
apresentam the Brothers Unconnected
- 32 **Hype Williams**
- 34 **Platform 1**
- 46 **Ná Ozzetti** Balangandãs
- 48 **Evan Parker**

Conferências

- 12 **Estados de Guerra – Todos contra Todos**
Ciclo comissariado por Rui Trindade
- 54 **Steve Paxton**

Performance/Instalação

- 16 **A Vénus de Pistoletto #4**
- 20 **No Performance's Land?**
- 42 **2+n**

Dança

- 18 **Vamos al tiroteo, versiones de un tiempo pasado**
pela Compañia Rafaela Carrasco
- 24 **Icosahedron** de Tânia Carvalho/Tânia Oak Tree
- 36 **Solo para Sílvia Real (título provisório)**

Cinema

- 26 **IndieLisboa'11**
Festival Internacional de Cinema Independente
- 44 **Gravitar à volta do centro:**
cinema húngaro contemporâneo

Visita encenada

- 40 **Por detrás da cortina: a caixa mágica**

Teatro

- 30 **PANOS** palcos novos palavras novas
- 38 **Três Homens Sós**
Um espectáculo de André Murraças
- 50 **overdrama** Um espectáculo da mala voadora
- 52 **Mission Drift** Um espectáculo the TEAM

Exposições

- 58 **1+1+1=3**
Hermann Pitz, Michael Snow, Bernard Voita
- 60 **Gedi Sibony**
- 62 **Pedro Diniz Reis** De A a Z
- 64 **Hans Schabus** O espaço do conflito
- 66 **Conversas com Willem Oorebeek e Aglaia Konrad**
- 68 **Conversa com Asier Mendizabal**
- 70 **O modo como não foi**
(celebrando dez anos de castillo/corrales, Paris)
- 72 **Luísa Correia Pereira**
A convocação de todos os seres
- 74 **José Pedro Croft**
- 76 **Ricardo Jacinto**
- 78 **Zona Letal, Espaço Vital**
Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos
- 81 **Serviço Educativo**
- 92 **Informações**

délibáb

Vitor Ramil



MÚSICA

SEG 4 DE ABRIL

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h15

M12 · 15 Euros

Até aos 30 anos: 5 Euros

Voz e violão Vitor Ramil

Vitor Ramil, conceituado compositor, cantor e escritor brasileiro, começou a sua carreira no início dos anos 1980. Editou nove discos e três livros. Maria Rita, Milton Nascimento, Zizi Possi, Ney Matogrosso e Jorge Drexler, entre outros, deram voz a canções suas.

Regressa a Portugal para apresentar o novo espectáculo *délibáb*, baseado no seu último CD que reúne milongas (ritmo comum ao Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina) que compôs a partir de poemas de Jorge Luis Borges e do brasileiro João da Cunha Vargas.

“A decisão de que ‘délibáb’ seria o nome do disco só aconteceria depois que eu incorporasse uma das paixões borgeanas e partisse para o estudo etimológico. Foi quando descobri que *délibáb*, cujo significado é ‘miragem’, vem de *déli* (do sul) + *báb* (de *bába*: ilusão). Como não ficar maravilhado diante daquela ‘ilusão do sul’, ainda que fosse só uma miragem?”.

Segundo Vitor Ramil, “Os versos de Borges são pródigos em *cuchillos* (facas), peleias, sangue e mortes. Colocá-los lado a lado com os versos de Vargas faz com que se sobressaiam nesses a doçura, a amorosidade e a melancolia, ainda que apresentem também cenas de valentia e de violência. Isso me faz pensar na diferenciação que faz Barbosa Lessa entre espanhóis e portugueses no período de formação do Rio Grande do Sul: ‘mesmo que ainda não tenham sido fixadas as fronteiras políticas, as fronteiras culturais já estão determinando onde mora o espanhol, com seu culto às chagas de Cristo, ao martírio dos cravos e espinhos, à dor do luto e à atracção da morte, e onde mora o lusitano, com seu ingénuo lirismo, cultuando o Menino Deus ou São João com o cordeirinho nos braços.’”

délibáb foi considerado um dos 10 Melhores Shows de 2010 pelos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, e um dos Melhores Discos do Ano pela revista brasileira *Veja* e pelos órgãos de comunicação argentinos *Diario La Nación*, e Revista *Ñ* do *Diario Clarín*.

Having begun his career in the early 1980s, the highly regarded Brazilian composer, singer and writer, Vitor Ramil, returns to Portugal with his new show *délibáb*, drawn from his latest CD of *milonga* compositions based on poems by Jorge Luis Borges and João da Cunha Vargas. Full of bloody quarrels and deaths, Borges’ poems contrast with the tenderness and melancholy of Vargas’ verses, highlighting the cultural divisions in the formation of Rio Grande do Sul. *délibáb* (a composite word meaning “mirage”) was considered one of Brazil’s 10 Best Shows in 2010.

Estados de Guerra

Todos contra Todos

Ciclo de conferências
comissariado por Rui Trindade



CONFERÊNCIAS

TERÇAS-FEIRAS
5, 12, 19, 26 DE ABRIL

Pequeno Auditório

18h30 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes de cada sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

5 de Abril

Fernando Ilharco

Um mundo sem centro, pós-ocidental, pós-democrático e biopolítico

12 de Abril

António Granado

Os *media* em estado de guerra

19 de Abril

Mário Baptista Coelho

Guerras e crises globais de energia – a transição em curso para novos modelos e novos mix energéticos mais sustentáveis

26 de Abril

Viriato Soromenho-Marques

A crise global do ambiente e as novas fronteiras da paz e da guerra

No mundo de ontem, reconhecia-se na Guerra um estado de excepção. Na sua representação clássica, o conflito definia-se pela encenação de um conjunto de rituais que organizavam, no espaço e no tempo, o exercício da violência. No mundo de hoje, as convenções, que presidiam a esta modelação dos conflitos, dissolveram-se.

Hoje, a *excepção* diluiu-se numa *permanência*. E os “teatros de guerra”, abandonando as convenções e os modelos do passado, instalaram-se, de forma difusa, na sociedade global. Aos antigos protagonistas, juntaram-se agora muitos outros vindos sobretudo da economia, dos *media* e das tecnologias.

O objectivo deste ciclo de conferências é reflectir sobre alguns dos “teatros de guerra” que marcam a nossa contemporaneidade e tentar, de modo prospectivo, avaliar as suas possíveis evoluções.

Na primeira conferência, Fernando Ilharco, caracterizando a vivência moderna como *pós-ocidental*, *pós-democrática* e *pós-literária*, irá abordar estes conceitos enquanto elementos estruturantes do *mundo sem centro* no qual hoje vivemos.

Sendo os *media* o palco privilegiado de uma *guerra da percepção* onde todos os actores, individuais e colectivos, procuram actualmente um posicionamento estratégico, é natural que os *media* se afirmem como um dos principais “teatros de guerra” da modernidade. António Granado irá, na segunda conferência deste ciclo, abordar as implicações daí decorrentes.

Nas duas últimas conferências, Mário Baptista Coelho e Viriato Soromenho-Marques procurarão analisar os desafios (e os conflitos) que, num mundo que terá, em breve, nove mil milhões de habitantes, se colocarão em termos energéticos e ambientais, à espécie humana.

Previously, War was seen as a state of exception, allowing for the staging of a series of violent rituals. Today, that *exception* is now a *permanence*. These lectures will look at some of our contemporary “theatres of war”. Fernando Ilharco will look at the concepts that structure our modern *centreless world*; António Granado will examine how the media have become the perfect stage for a *war of perception*; Mário Baptista Coelho and Viriato Soromenho-Marques will analyse the challenges (and conflicts) facing the human race in environmental and energy terms.

Jorge Vaz de Carvalho e João Paulo Santos

Ciclo
Concertos no Palco



© Alfredo Rocha

MÚSICA

SÁB 9 DE ABRIL

Palco do Grande Auditório
18h00 · Duração: 1h00 com
intervalo · M12 · 10 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Programa

Robert Schumann (1810-1956)

Der arme Peter, op. 57, nº 3
Der Hans und die Grete
In meiner Brust
Der arme Peter wankt vorbei

Gustav Mahler (1860-1911)

Rückertlieder
Ich atmet' einen linden Duft!
Liebst du um Schönheit
Blicke mir nicht in die Lieder!
*Ich bin der Welt abhanden
gekommen*
Um Mitternacht

Jacques Ibert (1890-1962)

Chansons de Don Quichotte
Chanson du départ
de Don Quichotte
Chanson à Dulcinée
Chanson du Duc
Chanson de la mort
de Don Quichotte

Francis Poulenc (1899-1963)

Chansons gaillardes
La Maitresse volage
Chanson à boire
Madrigal
Invocation aux Parques
Couplets bachiques
L'Offrande
Sérénade
La belle jeunesse

Baritono Jorge Vaz de Carvalho Piano João Paulo Santos

Dois dos mais excelentes intérpretes nacionais apresentam um programa sedutor de *lied* e da sua correspondente francesa, a *mélodie*. Formas musicais em que, sobre um poema de recorte literário, se constrói uma canção para ser interpretada por uma voz solista acompanhada ao piano.

O *lied* marcou o romantismo alemão, a *mélodie* surgiu um pouco mais tarde, em meados do século XIX e subsiste no século XX, com compositores como os que podemos ouvir neste recital.

O programa do concerto inicia-se com um curto ciclo de três canções de Schumann sobre poemas de Heinrich Heine em que se conta, com algum sarcasmo, uma história de amor não correspondido. Segue-se o ciclo de Mahler sobre poemas de Friedrich Rückert. Foi estreado em 1905 na versão orquestral dirigida pelo compositor. Os poemas aqui reunidos são independentes entre si, não contam nenhuma história, mas todos falam do amor. A canção *Liebst du um Schönheit* (“Se amas pela beleza”) foi um presente de Mahler à sua mulher Alma.

Depois do intervalo é tempo de ouvirmos as *mélodies*. Ibert, um classicista aberto ao modernismo, sempre de uma grande elegância, compôs estas *Chansons de Don Quichotte* para a banda sonora de um filme de Pabst, grande realizador austríaco. Os produtores convidaram dois compositores para escreverem as canções e depois escolherem as que achassem melhores. Ibert foi preferido a Ravel. As *Chansons gaillardes* foram compostas por Poulenc sobre textos anónimos do século XVII de uma alegria licenciosa que o compositor trata de uma forma franca e directa que não cede à vulgaridade.

Two excellent Portuguese musicians present a seductive programme of *lieder* and their French counterpart, *mélodies*, consisting of songs composed from poems for solo voice with piano accompaniment.

The first part of the concert includes songs composed by Schumann from poems by Heinrich Heine and by Mahler from poems by Friedrich Rückert. After the interval come the *mélodies*: Ibert's elegant *Chansons de Don Quichotte*, composed for the soundtrack of a film by Pabst, and Poulenc's *Chansons gaillardes*, based on anonymous 17th-century texts.

A Vénus de Pistoletto #4

Ciclo Vinte e sete sentidos
Organização: Granular



INSTALAÇÃO PERFORMANCE

QUA 13 DE ABRIL

Sala 2 · 18h30
Duração: 1h00 · M12
3,50 Euros (preço único)

Granular é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direcção-Geral das Artes



Concepção e composição, computador, guitarra, *found objects*, *field recordings*, magnetofones, microfones, processamento áudio e difusão electroacústica Emídio Buchinho e Carlos Santos

Sobre o ciclo “Vinte e sete sentidos”

No seu poema *An Anna Blume*, Kurt Schwitters referiu-se em 1919 aos “vinte e sete sentidos” da sensorialidade – se tal pareceu então o delírio de um visionário, é finalmente uma realidade neste tempo de derrube das fronteiras entre as artes. Já não há nichos criativos, apenas diferentes campos de acção artística que cada vez mais se encontram e se entrecruzam. Integrando os mundos do som, da imagem e/ou do movimento, e adoptando em simultâneo os formatos de instalação e de *performance*, a série “Vinte e sete sentidos” abre as portas da percepção e da sinestesia.

A Vénus de Pistoletto #4

Elaborada essencialmente com o recurso a objectos do quotidiano e a tecnologia *lo-fi*, esta peça musical baseia-se nos conceitos da *Arte Povera*, numa particular homenagem ao artista plástico Michelangelo Pistoletto. Para além dos instrumentos habituais de Emídio Buchinho e Carlos Santos – respectivamente a guitarra e o computador –, o recurso a utensílios motorizados ou electrónicos, assim como a *objects trouvés* (materiais “pobres”, nomeadamente folhas e galhos de árvore, papel, etc.) são os componentes essenciais de *Vénus de Pistoletto*. Trata-se de um misto de instalação / *performance*, encontrando-se o espaço repleto de pequenos mecanismos que dão corpo a uma actividade quase “fabril” na sua manipulação física. O espectador é convidado a mergulhar neste envolvimento sonoro.

In 1919, Kurt Schwitters spoke of the “twenty-seven senses”. What may have seemed the delirium of a visionary is now a reality as the borders between the arts have come crashing down. Creative niches no longer exist, just different and increasingly intersecting fields of artistic action. Bringing together the worlds of sound, image and/or movement, and simultaneously adopting the formats of installation and performance, the series *Twenty-seven senses* opens the doors of perception and synaesthesia.

This musical piece, developed from everyday objects and *lo-fi* technology, has its roots in *Arte Povera*, in a special homage to Michelangelo Pistoletto. Besides the guitar and computer, the use of motorised or electronic tools, as well as *objets trouvés* (leaves, twigs, paper, etc.), is essential for creating the sounds that make up *Pistoletto’s Venus*. A combination of installation and performance, where small mechanisms embody an almost “factory-like” activity, enveloping the spectator in sound.

Vamos al tiroteo, versiones de un tiempo pasado pela Compañía Rafaela Carrasco



© Jesus Vallinas

DANÇA

SEX 15 DE ABRIL

Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h05
M12 · 20 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Programa

Zorongo Gitano
Anda Jaleo
Sevillanas del Siglo XVII
Los Cuatro Muleros
Nana de Sevilla
Romance Pascual de los Peregrinos
En El Café de Chinitas
Las Morillas de Jaén
Romance de los Mozos de Monleón
Las Tres Hojas
Sones de Asturias
Aires de Castilla

Uma obra doce e delicada.
Luis Román

Foi assim que Rafaela Carrasco saiu de si própria e se deixou amar.
Silvia Calado

Setenta intensos minutos de autêntica genialidade.
Francisco Sánchez Múgica

www.rafaelacarrasco.com

Baile Rafaela Carrasco, Ricardo López, Jonatán Miro, Pedro Córdoba, David Coria **Músicos** Pablo Maldonado (Piano), José Luis López (Violoncelo), Jesús Torres, Juan Antonio Suárez "Canito" (Guitarra), Antonio Campos, Gema Caballero (Cante)
Coreografia e direcção Rafaela Carrasco **Composição Musical** Jesús Torres, Juan Antonio Suárez "Canito", Pablo Maldonado, José Luis López **Desenho de luz** Gloria Montesinos (A.a.i)
Cenografia e figurinos Elisa Sanz **Som** Jorge Díaz "Roy"
Produção executiva Alejandro Salade **Digressão** Intercambio de Cultura y Arte S.L. (Icart), M^a Trinidad Gutiérrez (icart@icart.es)

Há sempre um passado e o flamenco está muito agarrado a ele. São as raízes do que hoje somos e fazemos. Ficarmo-nos nele é não estar no presente. Vivê-lo a partir do presente, é fazer o caminho ao que amanhã virá.

É imensa a importância de *Canciones populares* para o espectáculo de ontem e de hoje, porque são do público, porque crescemos com elas e porque foram parte de nós. São o ponto de partida para o lugar onde hoje me encontro e um possível caminho para o que virá amanhã. A ideia principal é pôr em cena um disco que foi fonte de inspiração para muitos artistas. Transpor os temas de 1931 para o dia de hoje, com um entendimento musical, cénico e coreográfico que difere muito daquele que existia no seu tempo, mas com o mesmo espírito de fazer chegar ao público letras e músicas que pertencem ao povo, que contam a maneira de viver de gerações passadas e que fazem parte de nós. Rafaela Carrasco

O disco *Canciones populares*, sobre o qual se constrói este espectáculo, foi editado em 1931 e reúne um conjunto de canções populares seleccionadas por Federico García Lorca, que acompanha ao piano a mítica cantora, *bailaora* e coreógrafa, Argentinita.

Vamos al tiroteo, versiones de un tiempo pasado estreou em 2008 na XV Bienal de Flamenco de Sevilha onde arrebatoou os prémios de melhor coreografia. Desde então tem sido apresentado em Espanha, Inglaterra, Finlândia e França, com enorme sucesso.

Flamenco is deeply rooted in the past, but also represents the starting point of the path to the future. Popular songs are hugely important for the spectacle of past and present, because we have grown up with them. Now offering a very different modern scenery and choreography, this hugely successful adaptation of the 1931 recording of *Canciones populares* selected by Federico García Lorca, who accompanies the mythical singer Argentinita on piano, tells audiences of the life of past generations that still form part of us. Rafaela Carrasco



No Performance's Land?

PERFORMANCES

DE SEX 15 A DOM 17
DE ABRIL

M16 · 5 Euros (preço único)

Organização Centro em Rede de Investigação em Antropologia (CRIA)
Apoios Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest, Fundação para a Ciência e Tecnologia, Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Instituto Italiano de Cultura, ISCTE-IUL

No Performance's Land? pretende interrogar o lugar da *performance* na contemporaneidade e conta com a presença de múltiplos especialistas e *performers* europeus, brasileiros e norte-americanos, conferindo-lhe desde já uma inscrição e legitimidade junto de um público alargado que cruza a investigação em ciências sociais e a produção artística. Pretende-se resgatar os estudos *performativos* de um certo exílio conceptual e explicitar o seu retorno triunfal do que hoje se define por movimento re-performativo. Marcado pela diversidade de propostas performativas em múltiplos formatos, apresenta um leque de artistas de relevo internacional que pela primeira vez apresentam os seus trabalhos em Portugal: Nao Bustamante, colaborou com Guillermo Gomez-Peña, pioneira do movimento performativo novo-iorquino com forte linguagem

política e de crítica feminista; Francesca Fini, uma das mais importantes artistas italianas do *video-art* e da *performance* digital; Ida Larsen, uma artista emergente na Dinamarca que cruza dança com arte da *performance* num espectáculo de grande proximidade; Márcio-André, um artista sonoro com um longo trabalho na experimentação poética cruzando linguagens; Andreia Inocência uma jovem artista transdisciplinar com uma proposta de *performance* irónica sobre a condição da mulher artista nómada; e João Garcia Miguel, conceituado *performer*, que estreará em Lisboa uma versão do seu mais recente espectáculo interativo com claras referências à instalação. *No Performance's Land?* reúne uma paleta de artistas e de espectáculos que permitem pensar a *performance* e o seu papel na compreensão da contemporaneidade.



We examine the place of performance nowadays by exploring its limits, boundaries and relationships within the arts and social sciences. *No Performance's Land?* is an international meeting of experts and performers from Europe, Brazil and the USA, whose presence here makes it relevant for a wider audience of people involved in both the arts and research.

Sexta-feira 15 de Abril
21h00 · Pequeno Auditório
Duração: 1h15

Silver & Gold
Nao Bustamante (EUA)
Silver & Gold combina filme, *live performance* e figurinos originais numa *filmformance* que evoca a musa de um lendário realizador, Jack Smith e o seu tributo a uma estrela de cinema dos anos 1940, a dominicana Maria Montez, numa exploração mágica e irónica de *glamour*,

raça, sexualidade e *silver screen* (um modelo de ecrã característico dos anos iniciais do cinema). No final a artista terá uma conversa com o público sobre o seu trabalho e sobre o actual momento da *performance art*.

Sábado 16 de Abril
21h00 / 21h30 / 22h00
Garagem Culturgest
Duração: 20 min. cada sessão

Elena Ceausescu
Wunderkammer
Ida Larsen e Idaperformers (Dinamarca)

Coreografia Ida Larsen
Performers Kir Qvortrup & Gry Raaby
Cenografia Joy Sun-Ra
Música Timo Kreuser
Ida Larsen é uma coreógrafa e *performer* que propõe à audiência nesta *sight specific performance* uma experiência íntima sobre a relação da antiga mulher do ditador romeno e a sua criada Edna. A *performance* decorre no interior, no capot, na bagageira e à volta de um antigo Ford para o qual o público, em pequenos grupos, será convidado a entrar ou assistir. Uma *performance* sufocantemente intensa.

Sábado 16 Abril
22h30 · Pequeno Auditório
Duração: 50 min.

Cry Me; Oasis in the desert; War; Performing the mirror; The shadow; Note off; Western meat market; Colors
3 Live performances & 5 video art
Francesca Fini (Itália)

Uma das mais importantes videastas e *performers* italianas apresenta aqui um significativo conjunto de obras, algumas delas premiadas. O seu trabalho utiliza arte digital em tempo real, vídeo, sonoridades,

poemas visuais, *body art*, movimento, numa paisagem de sincronização e mixagem tecnológica absolutamente originais. *Cry Me*, inspirado em Frida Kahlo, é talvez o seu trabalho mais conhecido. Os seus universos performativos vão da digitalização de pintura animada, à *video art*, passando por uma delicada mixagem da *body art*, movimento e arte digital até à instalação. O corpo é em todos eles o suporte e o núcleo de toda a sua produção artística.

Domingo 17 de Abril
19h30 · Pequeno Auditório
Duração: 1h00

Poesia Sonora
Márcio-André (Brasil)
Márcio-André é um poeta, artista sonoro, ensaísta e editor. A sua ligação à *performance* faz-se enquanto poeta experimental com ênfase no tratamento de som e processamento da palavra em tempo real. Nesta *performance* original explora, a partir do improviso texto-voco-visual, as possibilidades da fala, levando a poesia aos limites da leitura e extrapolando a fronteira com a música experimental. O espectáculo tem como base a exibição de vídeos simultâneos do youtube, manipulados e processados em tempo real. Um ambiente íntimo de fruição de imagens numa paisagem sonora poética.

Domingo 17 de Abril
Sala 2 · 20h45 · Dur. 20 min.
“É prova de fogo e de bala”
(Ai! A Super-Artista incógnita)

Andrea Inocência (Portugal)
Andrea Inocência é uma artista transdisciplinar com formação em artes plásticas. Projecto iniciado em 2008 num processo contínuo de investigação

e produção artística com várias *performances* distintas. O conceito da “Super-Artista Incógnita” parte da construção de figurinos e adereços para criar a imagem desta heroína que está em constante mutação, que se vai construindo a partir das referências culturais originárias/estereotipadas – o folclore, o fado, o estudante de Coimbra, etc. – e de uma vivência migrante e em trânsito da artista. A música improvisada ao vivo adensa este imaginário irónico.

Domingo 17 de Abril
Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h00

Filhos da Europa
João Garcia Miguel (Portugal)
Performer Sara Ribeiro
Música/videasta Rui Gato
Direcção técnica Luís Bombico
João Garcia Miguel, encenador, artista visual e actor, fundador e participante em vários colectivos artísticos – no âmbito da pintura, instalação, teatro e *performance*. Foi responsável pelo grupo O Olho e actualmente é o director do Espaço dos Ursos e dos Anjos. *O Filho da Europa* é um cubo no qual são projectadas imagens captadas em tempo real da *performance* teatral realizada a partir do texto *Kaspar* de Peter Handke. A peça é constituída por um elemento cenográfico pictórico, uma instalação sonora interactiva e um sistema de iluminação também interativo e de uma *performance* que se vai transformando em função do espaço e do público.

Sidsel Endresen

JAZZ

QUA 27 DE ABRIL

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h00
M12 · 5 Euros (preço único)

Voz Sidsel Endresen

O jazz vocal escandinavo tem em Sidsel Endresen a sua mais insigne representante. Recorrendo ao rico património folclórico do seu país, a Noruega, a cantora impôs-se na cena internacional com a colaboração de músicos como Django Bates, Jon Christensen, Nils Petter Molvaer, David Darling e Bugge Wesseltoft (com o último mantendo, de resto, um celebrado duo), artistas de primeira linha de etiquetas discográficas como a ECM e a Jazzland.

Senhora de uma voz única, com tanto de sensual como de poderoso, lembrando por vezes Nina Simone ou Marianne Faithfull, diferentemente destas Endresen tem uma abordagem de pesquisa que a conduz a explorações inusitadas tanto das suas capacidades físicas como do modelo da canção, colocando-a em paralelo a nomes como Meredith Monk e Lauren Newton. Em termos estéticos, prefere claramente a austeridade da expressão e a essencialidade das estruturas e das atmosferas a exibicionismos técnicos ou a histrionismos dramáticos, um factor que a diferencia da generalidade das cantoras que hoje utilizam o jazz como linguagem ou como plataforma de base. Por isso mesmo, recusa apresentar-se como uma “vocalista de jazz”. Prefere, cada vez mais, o formato de solo absoluto, muito intimista e minimal, acompanhando-se a si mesma com uma kalimba, um simples copo, um gravador de cassetes portátil e uma velha *drum machine*. A música que daí resulta pode parecer estranha e até desconcertante, mas na mesma medida em que é bela e hipnótica.

With her unique voice, reminiscent of Nina Simone or Marianne Faithfull, Sidsel Endresen interprets the rich folklore of Norway, exploring her own physical capacities and the model of the song itself. Aesthetically, she clearly prefers the austerity of expression to technical virtuosity, refusing to present herself as a “jazz vocalist” and increasingly preferring to perform as an absolute soloist, accompanying herself with a kalimba, a glass, a cassette recorder and an old drum machine. Her music may seem strange and disconcerting, but it is also beautiful and hypnotic.

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa



© Martin Sylvest

Icosahedron

de Tânia Carvalho/ Tânia Oak Tree

ESTREIA



© Tânia Carvalho

DANÇA

SEX 29, SÁB 30
DE ABRIL

Grande Auditório
21h30 · Duração: 2h00 com
intervalo · M12 · 15 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

No dia 29, após o espectáculo,
haverá uma conversa com a
coreógrafa na Sala 1.

Coreografia Tânia Carvalho **Intérpretes** Abhilash Ningappa, Axelle Lagier, Bruna Carvalho, Bruno Almeida, Constança Couto, Elena Castilla, Florent Hamon, Guillaume Legras, Gustavo Figueiredo, Inês Campos, Jácome Filipe, Jutta Bayer, Luís Guerra, Luiz Antunes, Maria João Rodrigues, Marta Cerqueira, Maureen Lopez, Ramiro Guerreiro, São Castro, Teresa Silva
Música Diogo Alvim **Luzes** Zeca Iglésias **Figurinos** Aleksandar Protic **Assistente de direcção e produção** Pietro Romani
Produção e difusão Sofia Matos **Produção** Bomba Suicida – Associação de promoção cultural **Co-produção** Culturgest (Lisboa), Rencontres Chorégraphiques Internationales de Seine-Saint-Denis (FR), CDC Uzès Danse (Uzés), Hellerau – European Center for the Arts, Dresden (Dresden), O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo) **Residências artísticas** O Espaço do Tempo (Montemor-o-Novo), Pact Zolverein (Essen), ADC – Association pour la danse contemporaine (Genebra), Buda Kunstencentrum (Kortrijk) e Hellerau – European Center for the Arts Dresden (Dresden) **Apoios** HAU/Tanz Im August (Berlim), Théâtre de la Bastille (Paris), Atelier Re.al (Lisboa), modul-dance, Culture Program **Agradecimentos** Câmara Municipal de Viana do Castelo Bomba Suicida é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura/Direcção-Geral das Artes **Estrutura associada** ALKANTARA, O Espaço do Tempo e Atelier Re.al

As várias pessoas que todos nós temos dentro... É algo que me intriga e que aprofundei durante a criação, no entanto não quero dar qualquer tipo de explicações sobre isso, gosto mais de pôr as cartas na mesa e deixar que o público jogue. Seja pela mesma ou por uma razão diferente da minha.

Tânia Carvalho

Tânia Carvalho (Tânia Oak Tree), 1976, Portugal. Iniciou aulas de dança clássica aos cinco anos. Em 1991 frequentou a Escola Superior de Dança (Lisboa). Em 1997 ingressou no Curso de Intérpretes de Dança Contemporânea Fórum Dança (Lisboa). Em 2005 realizou o Curso de Coreografia da Fundação Calouste Gulbenkian (Lisboa). Tem participado em vários trabalhos, tanto a nível interpretativo como criativo, e colaborado com diferentes coreógrafos: Luís Guerra de Laocoi, Francisco Camacho, Carlota Lagido, Clara Andermatt, David Miguel, Filipe Viegas e Vera Mantero. Como actriz trabalhou com o Projecto Teatral. Como coreógrafa e intérprete criou, entre outras, as peças (as mais recentes) *De mim não posso fugir, paciência!*, *Danza Ricercata* (2008), *Der Mann Ist Verrückt* (2009), *Olhos Caídos* (2010). É ainda criadora dos projectos musicais Madmud, Trash Nymph e Moliquentos. É co-fundadora do colectivo de artistas Bomba Suicida.

The several people that we all have inside us... Something that intrigues me and that I researched during the process of creation, but which I do not want to explain. I'd rather put my cards on the table and let the audience play, whether for the same or different reasons from mine. Tânia Carvalho



MINISTÉRIO DA CULTURA



DIRECÇÃO-GERAL DAS ARTES



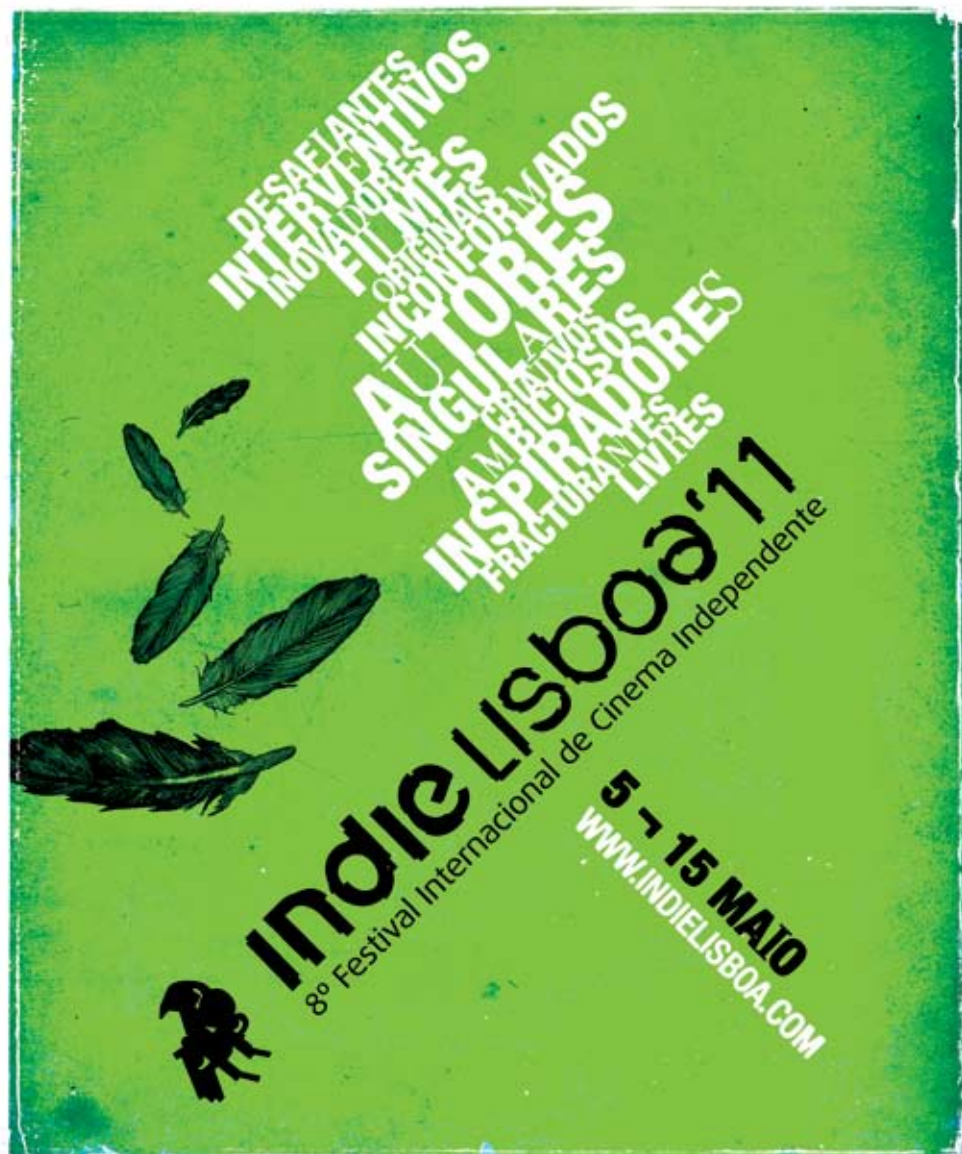
Programa «Cultura»



Câmara Municipal Lisboa

IndieLisboa'11

Festival Internacional de Cinema Independente



CINEMA

DE QUI 5 A DOM 15
DE MAIO

10h30 - 23h45
M16 (excepto IndieJúnior)

Bilheteira Central Culturgest

De 18 de Abril a 4 de Maio das 13h00 às 19h00 (excepto Sex 22 e Dom 24 de Abril). De 5 a 15 de Maio das 10h00 até ao início da última sessão.

Preços dos bilhetes

Sessões regulares: 4€
Caderneta de 10 bilhetes voucher: 29€ (disponível até 4 de Maio) · Caderneta de 20 bilhetes voucher: 54€ (disponível até 4 de Maio)

Descontos

Menores de 12 anos, maiores de 65 anos, grupos organizados de mais de 20 pessoas: 3€
Portadores de cartão de estudante para as primeiras sessões da tarde, excepto fins-de-semana e feriados: 2,5€
Bilhete 'Famílias' - válido para 5 pessoas nas sessões regulares do IndieJúnior: 13,5€

Programação disponível online a partir de 5 de Abril em www.indielisboa.com

Organização Zero em Comportamento

De 5 a 15 de Maio, o IndieLisboa volta a trazer a Portugal o melhor e mais recente cinema de todo o mundo. Curtas e longas metragens de ficção, documentário e animação vão poder ser vistas na Culturgest, que volta a ser este ano co-produtora do festival, assim como no Cinema São Jorge e em outros espaços espalhados pela cidade de Lisboa.

Serão onze dias repletos com mais de 200 filmes (na sua esmagadora maioria completamente inéditos em Portugal) distribuídos pelas nove secções que compõem o festival: Competição Internacional, Competição Nacional, Observatório, Cinema Emergente, Herói Independente, Director's Cut, IndieMusic, Pulsar do Mundo e IndieJúnior. A estas juntam-se várias sessões especiais e actividades paralelas abertas à curiosidade de todos os públicos (debates, conferências, *ateliers* e *masterclasses*) com a participação de profissionais de cinema nacionais e estrangeiros.

O IndieLisboa'11 vai trazer algumas novidades quer em relação às salas em que decorrem as sessões quer em iniciativas que levarão a programação para fora dessas salas, numa oitava edição que se pretende particularmente festiva e mobilizadora depois do recorde de espectadores atingido no ano passado. O festival quer cumprir assim melhor a sua primeira vocação: ser um lugar de entusiasmadas descobertas dos filmes (sem fronteiras de género, duração ou formato) que fazem a actualidade do melhor cinema nacional e internacional. A programação do festival é permanentemente actualizada em www.indielisboa.com.

From 5 to 15 May, IndieLisboa will once again be showing some of the world's best and most recent cinema. Short and feature films, documentaries and animation films will be screened at Culturgest, São Jorge Cinema and other venues in Lisbon.

More than 200 films will be screened in 11 days (most of them being premiered in Portugal), accompanied by special sessions and parallel activities (debates, lectures, workshops and masterclasses) with the participation of foreign and national filmmakers. The festival programme is permanently updated at www.indielisboa.com.

Organização

zero
em comportamento

Parceiros Institucionais

MIC
Ministério da Cultura

ICA
Instituto da Cultura Audiovisual

MEDIA
EUROPEAN UNION

Cinema Municipal
Lisboa

Co-produção

EGEAC

Culturgest

Alan Bishop & Richard Bishop apresentam the Brothers Unconnected

Um tributo aos Sun City Girls e a Charles Gocher

Ciclo de concertos
comissariado por filho único



MÚSICA

SEX 6 DE MAIO

CULTURGEST PORTO
22h00 · Duração: 1h00
M12 · 5 Euros (preço único)

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo, até à hora de início do mesmo.

Voz e guitarra acústica Alan Bishop

Voz e guitarra acústica Richard Bishop

Iniciando o seu percurso discográfico em 1983, os Sun City Girls, trio norte-americano formado em Phoenix, Arizona, terão sido o mais influente grupo na música independente dos Estados Unidos após o aparecimento dos Velvet Underground, talvez só igualados pelos Sonic Youth. O sítio (global) da sua música sempre foi indomável, as tradições em que se inspiraram, que reutilizaram e contaminaram tratadas com a reverência de um ritual charlatão, e com a plasticidade da matéria nas mãos do artesão.

Cruzaram a *trip* psicadélica enquanto instrumento introspectivo e enquanto simples festa selvagem, com o *free jazz* como grito libertário, com mambo/rock do Médio Oriente/música voodoo/desgarradas mariachi/pop tailandesa e demais exotismos (para um ocidental) com a mesma naturalidade e propriedade com que trataram o blues. Fizeram um teatro *stand-up* que documentaram em vídeo e confrontaram em palco para atónitos e devotos. Lançaram uma série de discos de colagem de emissões radiofónicas do mundo inteiro, para lá de outros planos muitas vezes inauditos até eles os projectarem.

Foi um trabalho de excepcional amplitude, feito com a alegria de viver daqueles que reconhecem o ridículo tanto da normalidade, como do absurdo. Para tornar o normal transcendente existiu sempre o hilariante, e os Sun City Girls deram-lhe muito uso.

Bem para além de uma simples reunião, o projecto Brothers Unconnected é um último olhar público e uma última viagem-cerimónia que Richard e Alan Bishop, dois terços dos Sun City Girls, fazem pelo magnífico reportório que criaram com o seu amigo e antigo membro da banda, Charles Gocher, falecido em 2007.

Esta actuação é parte de uma curta digressão, única e irrepetível na Europa, para celebrar com magnificência as cinzas de um enorme exemplo de liberdade activada ininterruptamente (até o tempo a paralisar).

Pedro Gomes/filho único

One of the most highly influential groups in American independent music, the Sun City Girls, from Phoenix, Arizona, are difficult to pin down, mixing introspective psychedelic music with free jazz, mambo, Middle East rock, voodoo music, mariachi and Thai pop, just as naturally as they play the blues. Their unusual projects include videos of stand-up performances and collages of radio broadcasts from around the world, delighting in seeing the ridiculous side of normality as much as of the absurd. Their performance at Culturgest Porto is part of a short, unique and unrepeatable European tour.

www.suncitygirls.com

PANOS

palcos novos
palavras novas



Belavista de Lisa McGee. Classes de Teatro d'O Teatrão (PANOS 2010) © Fábio Rocha

TEATRO

SEX 20, SÁB 21, DOM 22
DE MAIO

Pequeno Auditório e
Palco do Grande Auditório
M12 - 2,5 Euros (preço único)

Dentro de mim fora daqui
de Filipe Homem Fonseca

Desligar e voltar a ligar
de Margarida Vale de Gato
e Rui Costa

Filhos de Assassinos
de Katori Hall

PANOS é um projecto da Culturgest que junta a nova dramaturgia ao teatro escolar ou juvenil. Na sua sexta edição, reúne quarenta grupos de todo o país que encenam uma das três peças propostas, escritas de propósito para serem representadas por adolescentes: dois originais portugueses e um texto traduzido do Connections 2011, programa do National Theatre de Londres em que os PANOS se inspiram.

Seis jovens encontram uma mala. Dentro, o futuro de todos eles. A hipótese, pelo menos. A expectativa de mudança traz ao de cima a natureza de cada um, impõe dúvidas e exige decisões extremas. *Dentro de mim fora daqui*, de Filipe Homem Fonseca, é uma história de fé e egoísmo, da procura pelo que cada um espera encontrar dentro de si, por mais longe que o dentro esteja. Contada e vivida pelos protagonistas em vários tempos que se misturam e diluem, mostra o inconformismo de quem não espera nada mas às vezes exige coisas.

Desligar e voltar a ligar, de Margarida Vale de Gato e Rui Costa, é a oportunidade para conhecer Alice, que se esforça por levar as alternativas do mundo às suas últimas consequências; o namorado Fred, um Rastafari que se esforça por apreciar miúdas com pêlos; Allan, que se interessa pela evolução de Alice enquanto ele próprio se transforma em jaguar; Mike Tyson, o pugilista que já não bate, mas investe, e tem na mira Cleópatra, a galinha que põe ovos transparentes; e Zipo, o hacker, que será seduzido por Alice para o seu radical apagamento.

Filhos de Assassinos, escrita originalmente para o Connections pela dramaturga norte-americana Katori Hall, fala do futuro próximo de uma tragédia recente. Anos depois do genocídio tutsi, os assassinos libertados pelo presidente do Ruanda começam a regressar às suas aldeias. Três amigos - nascidos durante o rescaldo sangrento do genocídio - preparam-se para conhecer os homens que lhes deram vida. Mas à medida que o dia do regresso se aproxima os rapazes são assombrados pelos crimes dos pais. Em quem nos podemos tornar quando a violência é a nossa herança?

Neste fim-de-semana de Maio apresentam-se em festival dois espectáculos de cada peça e publica-se um volume com os textos. Tudo começou há seis meses, num fim-de-semana em que os encenadores dos grupos, os autores e um encenador convidado por cada texto trabalharam sobre as peças em *workshops* paralelos, pondo perguntas, lançando pistas. Este ano os encenadores-orientadores foram Gonçalo

Waddington (para *Dentro de mim fora daqui*), Paula Sá Nogueira (para *Desligar e voltar a ligar*) e James Dacre (para *Filhos de Assassinos*). Seguiu-se o período de ensaios (cada grupo no seu espaço) e as estreias decorreram até ao fim de Abril. Um comité de selecção escolheu os seis espectáculos que agora vamos ver. Mas são apenas exemplos, há mais espectáculos e mais festivais PANOS: no Teatro Sá da Bandeira em Santarém, n'O Teatrão de Coimbra, no Teatro Oficina de Guimarães e no Teatro Municipal de Faro. As inscrições para o novo ciclo começam em breve...

PANOS commissions and translates new plays for young people, inspired by the National Theatre of London's Connections project. Now in its sixth year, a selection from 40 shows produced all across the country by school and youth theatre groups will be presented in a festival at Culturgest.

In the play by Katori Hall (originally written for Connections), the murderers who perpetrated the Tutsi genocide in Ruanda return home, haunting the new generation; in the text by Filipe Homem Fonseca, six young people find a bag that contains inside it the future of them all; and Margarida Vale de Gato and Rui Costa introduce us to Alice, Fred, Allan, Zipo and Cleópatra, a chicken who lays transparent eggs and arouses the interest of Mike Tyson.

Hype Williams

Ciclo de concertos
comissariado por filho único



Capa de um LP sem título, 2010

MÚSICA

SEX 20 DE MAIO

CULTURGEST PORTO
22h00 · Dur. aprox. 50 min.
M12 · 5 Euros (preço único)

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo, até à hora de início do mesmo.

Formação londrina composta por Inga Copeland e Roy Blunt, com uma biografia elíptica e um percurso discográfico iniciado em 2009, os Hype Williams são das propostas mais vitais e fascinantes da música britânica surgidas na última década.

A sua identidade nunca é pública e totalmente clarificada, e é nesse tipo de neblina que, de resto, todo o seu trabalho existe. Numa época de cada vez mais apropriações, de plágios sustentados em *naïveté*, e da ultra-democratização da criação artística, os Hype Williams pegam numa série de táticas de delito artístico como filosofia e estratégia deliberadas.

Utilizam como matéria para as suas peças vários fragmentos, detritos e pérolas da cultura pop, da mais planetária até à que espera que o tempo volte e lhe tire o pó de cima, produzindo uma aglutinação e mescla destes elementos, cada um deles devidamente descontextualizado da sua fonte original e parte integrante de um novo objecto sonoro.

Quando a cultura de massas mercantiliza em crescendo a ideia de que podemos consumir a diferença e a singularidade em cadeias multinacionais, os Hype Williams não só entendem e recusam esse paradoxo, como erigem um trabalho assente primariamente no tratamento de uma auto-iconografia que permanece intocável, por sucessivamente se transmutar dentro de uma realidade com a qual está em constante diálogo.

Deles podemos sempre esperar, a cada actuação, um novo alinhamento de peças, trabalho, *performance* e enquadramento/afirmação no espaço. A intangibilidade e a irrepetibilidade sempre foram dos bens mais preciosos da criação artística, e aqui são saudável e benigna obsessão.

Pedro Gomes/filho único

The London duo Hype Williams, composed of Inga Copeland and Roy Blunt, are amongst the most vital and fascinating proposals in British music over the last decade. Never completely clarifying their identity, they draw their musical material from a mixture of fragments from pop culture, decontextualised from their original source and forming an integral part of a new sound object. Rejecting the marketing strategies of mass culture, their work is based on an enduring self-iconography in permanent dialogue with reality. Each performance brings a new and unrepeatable realignment of their work.

www.myspace.com/hypheewilliams

Platform 1

Ciclo “Isto é Jazz?”
Comissário: Pedro Costa



JAZZ

TER 24, QUA 25
DE MAIO

Pequeno Auditório
21h30 · Duração: 1h20
M12 · 5 Euros (preço único)

Saxofone tenor Ken Vandermark
Trombone Steve Swell Trompete Magnus Broo
Contrabaixo Joe Williamson Bateria Michael Vatcher

Mais na qualidade de *frontman* do que de líder – trata-se de um colectivo de iguais –, o saxofonista e clarinetista norte-americano Ken Vandermark vai estrear em Portugal – com uma digressão e o registo de um CD – uma nova formação com o envolvimento do seu nome: Platform 1. Se quatro dos membros do quinteto foram nascidos e criados na América do Norte, três nos EUA e um no Canadá, verificamos que dois deles vivem na Europa há largos anos, designadamente o contrabaixista Joe Williamson, que agora habita em Copenhaga depois de ter experimentado Amesterdão, Berlim e Londres, e o baterista Michael Vatcher, radicado na Holanda e parte da cena local. Curiosamente, o único europeu do grupo, o sueco Magnus Broo, estudou música no Texas, sendo talvez o mais “americano” dos trompetistas do Velho Continente. O próprio Vandermark e o trombonista Steve Swell, figuras de proa, respectivamente, do novo jazz de Chicago e de Nova Iorque, são músicos permanentemente em digressão deste lado do Atlântico. Estas conexões geográficas não são uma simples curiosidade: estão profundamente inscritas na música que nos vêm propor em conjunto.

O jazz que lhes vamos ouvir está na intersecção do *hard bop* e do legado *free*, e nisso esta Platform 1 persegue uma tendência desta música hoje com grande expressão nos Estados Unidos. Mas não se trata de uma simples equação: todos estes excelentes instrumentistas e compositores, dos melhores em actividade, desenvolveram os seus percursos individuais em várias frentes no que a estilo e até género diz respeito, e ao longo do tempo foram incorporando elementos dessas outras linguagens musicais nos seus discursos, indo do *rhythm 'n' blues*, do *funk* e da *soul* afro-americanos até à livre-improvisação e ao experimentalismo de cunho europeísta, com assimilação, também, de alguns dos códigos da música erudita contemporânea, a desenvolvida em países como Itália, Alemanha, França ou Inglaterra. O que fizerem será o resultado de todas essas interferências, dentro dessa tipologia da música feita de osmose que é o jazz.

More a frontman than a leader, saxophonist and clarinetist Ken Vandermark will be touring Portugal for the first time with his quintet Platform 1. Four of its members come from North America, although two have lived in Europe for a long time, while the Swedish trumpeter Magnus Broo studied in Texas. These geographical connections profoundly affect their music – a mixture of hard bop and free jazz. Influenced by a variety of genres, the musicians have also assimilated some of the codes of contemporary erudite music, resulting in an osmosis of all these influences.

Solo para Sílvia Real (título provisório)

ESTREIA



© Eira

DANÇA

QUA 1, QUI 2
DE JUNHO

Grande Auditório
21h30 · Duração aproximada:
1h00 · M12 · 15 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

No dia 1, após o espectáculo, haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

EIRA é uma estrutura
financiada pelo Ministério
da Cultura/Direcção-Geral
das Artes

Concepção e direcção Francisco Camacho
Co-criação e interpretação Sílvia Real Música Sérgio Pelágio
Luz e direcção técnica Frank Laubenheimer
Figurinos Carlota Lagido Assistência de ensaios Tiago Cadete
Produção Real Pelágio e EIRA Co-produção Culturgest, Teatro-
-Cine de Gouveia, Festival Citemor

Francisco Camacho e Sílvia Real foram já intérpretes um do outro. Ela convidou-o para dançar ao seu lado *Bute-bute*, apresentado pela última vez na homenagem a Mónica Lapa (2002), e foi intérprete dele em *LIVE|EVIL - EVIL|LIVE* (2005). Aquele espectáculo foi uma etapa na cumplicidade que vinha de antes e que continuou a crescer. Intercalando a actividade de directora/coreógrafa com a de intérprete, Sílvia Real planeava voltar a ser dirigida por alguém. Convidou Francisco Camacho, considerando o seu interesse pela direcção de intérpretes de Camacho e em particular pela sua abordagem ao movimento.

No formato de solo que ambos têm privilegiado, desafiaram-se a trabalhar também em função das diferenças que identificam nas suas propostas. A eles juntam-se Sérgio Pelágio, Carlota Lagido e Frank Laubenheimer. O espectáculo nasce da reunião destes criadores e da articulação das suas distintas práticas artísticas.

Dedicado a Mónica Lapa.

Sílvia Real estudou dança clássica com Luna Andermatt. Estudou na London Contemporary Dance School e no Lee Strasberg Theatre Institute. Trabalhou como intérprete com João Fiadeiro, Vera Mantero, Miguel Pereira e Francisco Camacho. Em 1999, fundou com o músico Sérgio Pelágio as Produções Real Pelágio e juntos criaram a trilogia *Casio Tone/Subtone/Tritone* (apresentada integralmente na Culturgest em 2007) entre outros trabalhos. Recentemente destaca a criação de um espectáculo que dirigiu para a companhia Comédias do Minho.

Francisco Camacho estudou nas escolas da Companhia Nacional de Bailado e do Ballet Gulbenkian, estagiando neste último. Em Nova Iorque, estudou dança, teatro e voz, nomeadamente no Merce Cunningham Studio e no Lee Strasberg Theatre Institute. Destaca o trabalho com os coreógrafos Paula Massano, Meg Stuart, Alain Platel e Carlota Lagido. Desde 1988, tem criado regularmente espectáculos, com apresentações internacionais. É membro fundador de EIRA, a sua produtora executiva.

Sílvia Real and Francisco Camacho have met before as performers in each other's creations. In 2009, Sílvia Real wanted to repeat the experience of working as a performer for Francisco Camacho and she initiated this project – a solo this time – that he directs and she performs, bringing together and crossing over their respective artistic practices.

Três Homens Sós

Um espectáculo de André Murraças

ESTREIA



© Alípio Padilha

TEATRO

DE SÁB 4 A QUA 8
DE JUNHO

Pequeno Auditório
21h30 (dias 4, 6, 7, 8)
17h00 (dia 5) · Duração
prevista: 1h30 · M16 · 12 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Texto, encenação, cenografia e figurinos André Murraças
Elenco Suzana Borges, Anabela Brígida, Vítor d'Andrade e André
Patrício Desenho de luz Zé Rui Maquilhagem e cabelos Joana
Ísfer Fotografia Alípio Padilha Produção Bruno Reis para a
Metamorfose Co-produção Metamorfose e Culturgest

Num texto original inspirado em três argumentos de cinema, André Murraças revisita as obras de Paul Schrader *American Gigolo*, *Light Sleeper* e *The Walker*. O espectáculo recupera as histórias das personagens dos filmes mantendo o tema dos "lonely men" que habita esta trilogia e explora o isolamento, a prostituição e o envelhecimento no masculino, em ambientes citadinos nocturnos cheios de perigos e desilusões amorosas. As narrativas seguem um gigolô de luxo que se apaixona por uma das suas clientes, um homem imerso no mundo da droga e rodeado de fantasmas do passado e um acompanhante de um grupo de senhoras da aristocracia, envolvido involuntariamente num crime. Três histórias da condição humana no vasto cenário da cidade. A cidade racista, homofóbica, plástica, sedenta, violenta, falsa, hipócrita e decadente. Mas também um lugar onde é possível encontrar o amor, apesar de tudo. Pode ser Nova Iorque, Los Angeles ou Washington. Pode ser Lisboa.

André Murraças foi encenador, dramaturgo, cenógrafo e intérprete de *Sex Zombie - a vida de Veronica Lake*, *Hollywood*, *One Night Only - uma rádio-conferência*, *Um Marido Ideal*, *Louis Lingg*, *Pour Homme*, *Swingers* e *As Palavras São o Meu Negócio*. Viajou com o espectáculo *As Peças Amorosas* a Santa Maria da Feira e a Atenas. Escreveu as peças *Todas as noites a mesma noite*, *Film Noir*, *Os Inconvenientes*, *CinemaScope* e *O Espelho do Narciso Gordo*. Apresentou-se também em museus, galerias, discotecas e ruas. Já levou para o teatro as vidas de António Variações, Fernando Pessoa e Roque Gameiro.

In a text inspired by three screenplays, André Murraças revisits Paul Schrader's films *American Gigolo*, *Light Sleeper* and *The Walker*, exploring male isolation, prostitution and ageing, following three "lonely men" through the vastness of the city - a nocturnal space full of danger and disillusion, but also a place where it is still possible to find love. It could be New York, Los Angeles or Washington. It could be Lisbon.

André Murraças is a stage director, playwright, set designer and actor. He has written about Veronica Lake and Fernando Pessoa, toured to Santa Maria da Feira and Athens and shown work in galleries, night clubs and streets.

Por detrás da cortina: a caixa mágica

VISITA ENCENADA

QUA 15, QUI 16 DE JUNHO
QUA 20, QUI 21, SEX 22
DE JULHO

Grande Auditório
17h15 (15 e 16 de Junho;
20 e 21 de Julho)
13h00 e 17h15 (22 de Julho)
Duração: 1h00 · M6 · 5 Euros
Até aos 30 anos: 2,5 Euros

Para grupos escolares
ou organizados
(para maiores de 15 anos):
15 e 16 de Junho
20 e 21 de Julho
10h00, 11h30, 14h00 e 15h30
2,5 Euros

Lotação: 60 pessoas

Concepção e apresentação Paulo Ramos
Interpretação e co-criação Leonor Cabral e Tiago Cadete
Desenho de luzes Horácio Fernandes e Paulo Ramos
Direcção de cena Horácio Fernandes e José Manuel Rodrigues
Montagem e operação de luz Fernando Ricardo, Nuno Alves
e Álvaro Coelho Montagem e operação de efeitos cénicos Alcino
Ferreira, Artur Brandão e Álvaro Coelho
Efeitos de som e vídeo Américo Firmino, Paulo Brandão e Tiago
Bernardo Produção Serviço Educativo

O público entra na sala e senta-se. A luz velada da plateia e o conforto das poltronas fazem-no relaxar. Abrem programas e conversam. Então as luzes baixam, fazendo silenciar o auditório.

A cortina de boca abre-se, permitindo espreitar para o mundo do artifício: o palco. Os actores levam o espectador a sentir-se próximo dessa ilusão, levam-no a mergulhar na história e a esquecer o real. O público fica com a sensação de que aquele novo mundo que se revela em cena é o seu mundo.

Não podiam estar mais enganados. O encenador mostra apenas aquilo que quer, conduzindo o olhar de quem vê. Nos bastidores, uma série de mecanismos cénicos, de equipamentos de luz e som, tornam possível o imaginário. Fora das luzes da ribalta, os técnicos de palco materializam as ideias dos criadores. Por detrás dos panejamentos e cenários há uma máquina de ilusões: a caixa de palco.

Por detrás da cortina: a caixa mágica é uma visita técnica guiada encenada em que, num curto espectáculo, serão mostrados diversos efeitos cénicos: voos, aparições de sub-palco, neve, trovoadas... Terminado o espectáculo, o público sobe ao palco e os efeitos serão repetidos e explicados. Os espectadores poderão tomar o lugar dos actores, colocar questões e conhecer os bastidores.

The lights dim and the curtain rises, displaying the world of artifice: the stage. The actors bring the audience closer to the illusion that this new world is their world. They couldn't be more mistaken. The director only shows what he wants. The backstage crew help to maintain the illusion with their lighting, sound equipment and scenic manipulations. *Behind the curtain: the magic box* is a brief show showing scenic effects: people flying, appearing from under the stage, snow, thunder... Afterwards, the audience are invited onto the stage and the effects are repeated and explained.



Ciclo Vinte e sete sentidos
Organização: Granular



INSTALAÇÃO PERFORMANCE

QUA 15 DE JUNHO

Sala 2 · 18h30
Duração: 1h00 · M12
3,50 Euros (preço único)

Composição algorítmica, computação física,
difusão sonora e visual Miguel Cardoso, Ricardo Guerreiro
e Joana Fernandes Gomes

2+n surge como ideia de partilha, enquanto acto performativo, de processos individuais de geração e transformação de matéria sonora ao vivo. Miguel Cardoso e Ricardo Guerreiro procuram o confronto da composição algorítmica interactiva com realidades distintas, definidas pela variável n , em que n pertence ao intervalo de 0 a $+\infty$. Para este evento convidam Joana Fernandes Gomes, cujos processos generativos de visualização manifestam uma dimensão musical a partir da sua abertura ao fenómeno acústico. Esta colaboração permite revelar alguns aspectos específicos dos projectos de investigação em Ciências e Tecnologia das Artes, que cada um dos intervenientes leva em fase de maturação. Os resultados evidenciam um trabalho operado nos limiares do perceptível, em que a composição da situação de *performance* se constitui como o próprio assunto da interactividade e a comunicação exclusiva com as estruturas da percepção permite a revelação de um campo de expectância em permanente tensão. Um trabalho em que o texto assume múltiplas funções, enquanto código de gestão de relações de contraposição e interdependência dos processos algorítmicos e suas extensões físicas, mas também como unidade poética e elemento de composição do espaço. Se as práticas artísticas ligadas à computação parecem implicar o espectacular, o que nos permitirá operar fora do espectáculo e voltar a pronunciar a beleza? Pensemos no objecto puro, perfeitamente indiferente à existência, de que nos fala a teoria de Meinong. Lembremos também aquela ideia de Schwitters, da máquina como abstracção do espírito humano. Mas não deixemos, porém, que estas palavras permitam criar demasiadas ideias ou expectativas muito definidas sobre o que se pretende. Os hiperespaços aqui enunciados são silenciosos, revelam o escuro e parecem exigir as melhores qualidades do tempo.

2+n is a live performance based on the sharing of individually generated sounds. Miguel Cardoso and Ricardo Guerreiro are joined here by Joana Fernandes Gomes in a collaboration that reveals specific aspects of their mature research projects in Art Science and Technology, resulting in a performance that operates on the threshold of perception and reveals a field of permanent and highly tense expectancy.

Granular é uma estrutura
financiada pelo Ministério
da Cultura/Direcção-Geral
das Artes



Gravitar à volta do centro: cinema húngaro contemporâneo

CINEMA

DE QUA 15 A SÁB 18
DE JUNHO

Pequeno Auditório
3,50 Euros (preço único)

Programação Prizma Kollektiva Associação Cultural (Hungria): Szabolcs Király e Clara Riso
Redacção dos textos Tiago Baptista e Vasco T. Menezes

São oito realizadores de uma mesma geração que se apresentam aqui, numa mostra que reúne alguns dos mais interessantes filmes produzidos na Hungria nos últimos anos.

Certos nomes, quer de filmes quer de realizadores, não são já desconhecidos do público português, seja do cinema ou do teatro, seja de sessões anteriores em salas do país ou dos festivais internacionais.

Todos os realizadores nasceram na década de 1970, à excepção de Csaba Bollók (*A Viagem de Iszka*), cerca de dez anos mais velho. É um novo cinema húngaro que vem depois de Béla Tarr, de István Szabó, de Miklós Jancsó, e por caminhos alternativos.

Num intervalo que vai de 2002 (*Hukkle*) a 2010 (*Adrienn Pál*), estes oito filmes experimentam as diferentes opções

que caracterizam o trabalho dos seus realizadores que, apesar de partilharem experiências e contextos, não são vistos, nem se vêem, como elementos de um grupo coeso ou escola. Podem talvez coincidir em alguma distância em relação ao que filmam, numa certa indiferença anti-emocional, num realismo despojado de sucesso e de felicidade, numa vertente documentarista real ou moldada. Afastam-se, no entanto, em termos de ritmo, de montagem e de tratamento do texto - veja-se por exemplo o silêncio e o estatismo de *Via Láctea* ao lado do perverso onírico-literário de *Bibliothèque*

Pascal ou do policial des-
construído em *O Investigador* - ou no modo como captam e retratam uma nova sociedade húngara: ainda idealista ou ingénua em *Doce de Leste*, mas já desintegrada e destacada do mundo em *Delta*.

Eight directors from the same generation are presented here, bringing together some of the most interesting films recently produced in Hungary. Dating from 2002 to 2010, these eight films highlight the differences in the work of their directors, who, despite sharing experiences and contexts, are not considered to form a cohesive group or school. Notwithstanding similarities in the anti-emotional distancing and documentary realism of their filmmaking, they have quite distinct rhythms and editing techniques.

Quarta-feira 15, 21h30

Delta

Realização: Kornél Mundruczó, Hungria/Alemanha, 2008, 96', 35mm · Com legendas em inglês e português · M16

O filho pródigo regressa por fim a casa dos seus pais numa pequena aldeia romena na região do delta do Danúbio mas rapidamente percebe que apenas há espaço para si numa cabana, isolado do resto da família.

Quinta-feira 16, 18h30

A Viagem de Iszka

Realização: Csaba Bollók, Hungria, 2007, 92', 35mm · Com legendas em inglês e português · M12

Iszka tem doze anos, vive na rua numa aldeia mineira sem nome, não anda na escola, pede esmola, foge de casa, foge também do orfanato até ser

apanhada na rede do tráfico humano e levada para a região do Mar Negro.

Quinta-feira 16, 21h30

O Investigador

Realização: Attila Gigor, Hungria/Suécia/Irlanda, 2008, 107', 35mm · Com legendas em português · M16

Reservado e introspectivo, o patologista forense Tibor Malkáv não tem família para além da sua mãe, doente com cancro. Inesperadamente, mas sem qualquer sobressalto, acaba por protagonizar um invulgar jogo de identidades entre vítima e assassino.

Sexta-feira 17, 18h30

Doce de Leste

Realização: Ferenc Török, Hungria, 2004, 89', 35mm · Com legendas em inglês e português · M16

Para escapar ao tédio de uma vida sem emprego na sua aldeia do remoto leste da Hungria, três amigos decidem tentar a sorte trabalhando, na época alta do verão, num dos muitos hotéis do lago Balaton.

Sexta-feira 17, 21h30

Adrienn Pál

Realização: Ágnes Kocsis, Hungria/França/Áustria/Holanda, 2010, 136', 35mm · Com legendas em francês e português · M16

Piroska é enfermeira na Unidade de Cuidados Paliativos de um hospital de Budapeste e diariamente observa impassível uma parede de monitores cardíacos e tentativas falhadas de reanimações. Motivada por um aparentemente desdramatizado contacto com a morte, Piroska procura reconstruir as suas difusas memórias de infância.

Sábado 18, 16h00

Hukkle

Realização: György Pálfi, Hungria, 2002, 78', 35mm · Com legendas em inglês e português · M12

Numa pequena comunidade rural, homens e animais são retratados através de sucessivos postais. Neste ambiente bucólico, quase sem palavras, a polícia investiga, porém, possíveis homicidas e inscreve subtilmente no filme um famoso e bizarro episódio da Hungria dos anos 1910 e 1920.

Sábado 18, 18h30

Via Láctea

Realização: Benedek Fliegauf, Hungria, 2007, 82', 35mm · M16

Uma estrada, uma ponte, o pátio de um prédio, uma colina ao anoitecer, os banhos públicos: ao longo de uma sequência de doze painéis, pessoas anónimas interagem subtilmente através de movimentos pontuais e de acções mínimas como num álbum habitado.

Sábado 18, 21h30

Bibliothèque Pascal

Realização: Szabolcs Hajdu, Alemanha/Hungria/Reino Unido/Roménia, 2010, 105', 35mm · Com legendas em húngaro e português · M16

Uma mãe solteira, romena de origem húngara, tenta recuperar a custódia da filha e relata a sua história a um assistente social: o encontro com um fugitivo de poderes mágicos, o pacto de morte com o seu pai, a passagem pelo requintado clube de Liverpool: *Bibliothèque Pascal*.



Bibliothèque Pascal, de Szabolcs Hajdu

Ná Ozzetti

Balangandãs



MÚSICA

SEX 17 DE JUNHO

Grande Auditório

21h30 · Duração: 1h10

M12 · 18 Euros

Até aos 30 anos: 5 Euros

Voz Ná Ozzetti **Guitarra, violoncelo, violão tenor** Mário Manga
Violão Dante Ozzetti **Contrabaixo** Zé Alexandre Carvalho
Bateria, gongos melódicos Sérgio Reze

A cantora e compositora paulista Ná Ozzetti, uma das vozes mais consagradas da Música Popular Brasileira contemporânea, que esteve na Culturgest em 2007 com José Miguel Wisnik, apresenta pela primeira vez em Portugal o espectáculo *Balangandãs*, homenagem à cena musical brasileira das décadas de 1930 a 1950 e a importantes compositores, entre eles Ari Barroso, Dorival Caymmi, Assis Valente, Synval Silva, cujas composições se tornaram clássicos da canção popular brasileira.

O trabalho foi desenvolvido colectivamente por Ná e os músicos Dante Ozzetti (violão), Mário Manga (guitarra, violoncelo e violão tenor), Sérgio Reze (bateria e gongos melódicos) e Zé Alexandre Carvalho (contrabaixo acústico).

O espectáculo *Balangandãs* traz uma concepção contemporânea de arranjos musicais, alinhamento, figurinos e iluminação, mas exprime de forma original o cenário musical das décadas de 30 a 50.

Em 2009 sai o CD com o mesmo nome do espectáculo, com excepcional repercussão no público e na imprensa. Por esse trabalho, Ná Ozzetti e banda conquistaram o primeiro lugar na categoria de Melhor CD Popular do 5º Prémio Bravo! Prime de Cultura. Depois de uma temporada de grande sucesso no Brasil, o espectáculo entrou em digressão internacional.

After her performance with José Miguel Wisnik at Culturgest in 2007, the *Paulista* singer-songwriter Ná Ozzetti returns to Portugal with her show *Balangandãs*, a tribute to the Brazilian music scene from the 1930s to the 1950s, resulting from the collective efforts of Ná and the musicians Dante Ozzetti (guitar), Mário Manga (guitar, cello), Sérgio Reze (percussion) and Zé Alexandre Carvalho (acoustic bass). Begun in 2008 and enthusiastically received by audiences and press alike in Brazil, the project is now being taken on an international tour.

Evan Parker

Ciclo de concertos
comissariado por filho único



© Caroline Forbes

MÚSICA

SÁB 25 DE JUNHO

CULTURGEST PORTO
22h00 · Duração: 1h00
M12 · 5 Euros (preço único)

Bilhetes à venda nos locais habituais (ver Informações e Reservas no final deste programa) e na Culturgest Porto, Av. dos Aliados 104, no horário de funcionamento da galeria e no dia do espectáculo, até à hora de início do mesmo.

Saxofones Evan Parker

Evan Parker é, desde há praticamente 50 anos, um dos grandes saxofonistas e músicos em actividade. Nascido em Bristol em 1944, foi ao assistir a um concerto do quarteto de John Coltrane em 1962, momento que determinou – como diz – a sua “escolha de tudo”, que começou a ser para ele mais clara a área estética onde viria a investir.

Ajudou de forma crucial a desenhar um jazz britânico, mas também europeu, que com os anos vem chamando de livre improvisação, termo e prática que passou a partilhar com uma pequena comunidade de contemporâneos seus nos anos 1960, e que entretanto se expandiu ao mundo inteiro.

Olhar para a discografia de Parker é quase como ler a história desta herança e metodologia musicais que não cessam de se desenvolver e reconfigurar. Desde o seu arranque no Spontaneous Music Ensemble com John Stevens, à Music Improvisation Company, até à criação das editoras Incus (com Derek Bailey e Tony Oxley) em 1970 e Psi (agora sozinho, em 2001), Parker permanece um cidadão e artista ávido de uma exploração brava, obsessivamente coerente, feita sempre num impressionante ritmo de trabalho.

Por entre mais de 200 registos discográficos e milhares de actuações, formações que mantém há quatro décadas e outras *ad hoc*, o solo permanece um dos veículos de expressão que lhe é mais querido. O supremo domínio que tem do som e do instrumento, de onde sobressai a sua conhecida técnica de respiração circular, da qual é absoluto virtuoso, permite-lhe trabalhar em extensas formas contínuas no saxofone, nesta circunstância potenciadas pela acústica rica em reverberação da Culturgest Porto, que oferece ao músico infinitas possibilidades melódicas, harmónicas e métricas.

Dos raros históricos que permanece tão vital e inquisitivo hoje como na sua juventude, para uma actuação, como sempre quando se trata de Evan Parker, irrepetível.

Pedro Gomes/filho único

Bristol-born saxophonist Evan Parker saw a John Coltrane concert in 1962, when aged 18. This decisive moment led to his becoming a free improvisation jazz player, and his musical career has been like a constant and obsessively coherent reshaping of that legacy. After more than 200 recordings and four decades of live performances in bands, he still enjoys playing solo concerts most of all. Famous for his circular breathing technique, his supreme command of sound and instrument makes the acoustics of Culturgest Porto ideally suited to his music of infinite melodies and harmonics.

www.evanparker.com

overdrama

Um espectáculo da mala voadora

ESTREIA
Integrado no Festival de Almada



© José Carlos Duarte

TEATRO

QUI 7, SEX 8, SÁB 9
DE JULHO

Grande Auditório
21h30 · Duração prevista:
1h00 · M12 · 12 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Direcção Jorge Andrade Texto Chris Thorpe Cenografia José Capela Luz Daniel Worm Banda sonora Rui Lima e Sérgio Martins Com Anabela Almeida, Cláudia Gaiolas, Flávia Gusmão, Jorge Andrade, Marco Paiva, Pedro Gil, Sílvia Filipe, Tânia Alves, entre outros Produção Manuel Poças Co-produção mala voadora e Culturgest

A intriga condensa-se desde a apresentação das personagens até ao clímax e, depois, resolve-se passando por avanços mais ou menos definitivos, mais ou menos reversíveis, até um desenlace feliz. Os momentos altos são: a entrada de cada protagonista em cena, o aparecimento da adversidade, a instalação do drama, os anúncios e esperas, os acontecimentos que se precipitam ou coincidem, os que tardam, o clímax emocional e o alcance da felicidade plena. Os actores são eloquentes a expressar a emoção. A música e a luz intensificam-na.

Em *overdrama*, a retórica dificulta a fluidez da narrativa. Adquire autonomia. O assunto é político.

Uma colecção de selos, o registo áudio de um jantar entre três amigas, a violência e a catástrofe como ingredientes do *entertainment*, os livros de uma biblioteca pessoal, discursos de chefes de estado, um conjunto de cerca de dois mil *bibelots*, as personagens mais influentes que nunca existiram, depoimentos dos serviços de Haile Selassie, um mapa-múndi de enganos e falsificações – são coisas que a mala voadora tem usado para fazer teatro. Na sua banalidade, permitem que os espectáculos partam de coisas que toda a gente conhece. No seu particularismo, conduzem-nos a reequacionar o modo de chegar ao espectáculo e o modo de o resolver cenicamente. Em *overdrama*, há drama.

The high spots in the intrigue are each actor's entrance onto the stage, the appearance of adversity, the establishment of the drama, the announcements and the waiting, the events that suddenly swirl out of control or collide with one another, those that take time to happen, the emotional climax and the attainment of complete happiness. In *overdrama*, rhetoric impedes the flow of the narrative. It becomes autonomous. It is a political affair.

The starting points for earlier shows by mala voadora have been: a stamp collection, the recording of a dinner between three female friends, the books of a private library, speeches by heads of state, a set of 2000 trinkets, the most influential characters who never existed, statements from the servants of Haile Selassie and a mapa-mundi of deception and forgery.

A mala voadora é uma estrutura financiada pelo Ministério da Cultura / Direcção-Geral das Artes. A mala voadora é uma estrutura associada da Associação Zé dos Bois.

Mission Drift

Desvio da Missão

Um espectáculo the TEAM

ESTREIA

Integrado no Festival de Almada



© Nick Vaughan

TEATRO

QUI 14, SEX 15, SÁB 16
DE JULHO

Palco do Grande Auditório
21h30 · Duração: 1h50
M12 · 15 Euros
Até aos 30 anos: 5 Euros

Em inglês, com legendas
em português

Outras apresentações
a 22 e 23 de Julho na
Oficina Municipal do Teatro
(O Teatrão, Coimbra),
antecedidas de um
laboratório para actores
de 18 a 21 de Julho
(informações: O Teatrão).

Architecting foi um espectáculo de uma arquitectura dramaturgicamente magnífica (...), sempre com a América de Obama em pano de fundo - uma nação indecisa entre a amnésia e a construção, entre o luto e a festa.

Rui Pina Coelho, *Ípsilon*, 24 de Dezembro de 2009

Criado com o apoio financeiro de National Endowment for the Arts, New York State Council on the Arts, Panta Rhea Foundation, JMJ Family Fund, Greenwall Foundation, Culturgest, Almeida Theatre e Performance Space 122.

Desenvolvido através de residências e *workshops* em Almeida Theatre, BRIC Studios, Orchard Project, University of Nevada Las Vegas e Ice Factory Festival do Soho Think Tank no Ohio Theatre.

Texto the TEAM em colaboração com Heather Christian e Sarah Gancher Música Heather Christian Letras Heather Christian e the TEAM Encenação Rachel Chavkin Cenário Nick Vaughan Figurinos Brenda Abbandandolo Desenho de luz Jake Heinrichs Desenho de som Matt Hubbs Produção Nate Koch Representante para a digressão Michael Mushalla Direcção de cena Dave Polato Com Heather Christian, Brian Hastert, Libby King e Mikael Sulaiman, entre outros

Mission Drift é uma viagem de pioneiros que atravessa os Estados Unidos de Leste a Oeste, contada com a ajuda de explosões atómicas, lagartos bailarinos e música que funde o brilho espumante de Las Vegas com as baladas do Oeste e os blues do Sul. Criado pela companhia nova-iorquina the TEAM num Junho abrasador em Las Vegas, este musical que tem em Lisboa a sua estreia absoluta acompanha um casal holandês imortal através do tempo e do espaço americanos, desde a colónia de Nova Amsterdão em 1624 até à Las Vegas do presente, onde o sonho de uma fronteira eterna e da bonança perpétua se está a desfazer. Sobre tudo isto reina Miss Atomic, uma mítica contadora de histórias inspirada nos concursos de beleza dos anos 50 que celebravam as bombas testadas no deserto do Nevada. Ela é a criação e destruição, a sedução e devastação do capitalismo americano.

The TEAM (Theatre of the Emerging American Moment) é uma companhia nova-iorquina que cria colectivamente obras para dissecar e celebrar a experiência de viver na América hoje. Triplos vencedores do prémio Fringe First do Festival de Edimburgo, integraram a lista de espectáculos do ano da *Time Out - Nova Iorque* em 2007 e do *Público* em 2009 (pela apresentação na Culturgest de *Architecting*). Os seus espectáculos foram vistos nalguns dos mais importantes teatros de Nova Iorque e tiveram digressão nacional e internacional.

Mission Drift is a pioneering journey west and east across the USA, told through atomic blasts, lizard ballet, and music that fuses Las Vegas glitz with Western ballads and Southern blues. The musical follows an immortal Dutch couple through American time and space, from the New Amsterdam colony in 1624 to modern-day Vegas. Over it all reigns Miss Atomic. She is creation and destruction, the seduction and devastation of American capitalism.

The TEAM is the Theatre of the Emerging American Moment, an NYC-based collaborative ensemble whose mission is to create new work that dissects and celebrates the experience of living in America today.

Steve Paxton



© Mariana Costa

CONFERÊNCIA DEMONSTRAÇÃO

QUA 20 DE JULHO

Pequeno Auditório

18h00 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Iniciativa c.e.m - centro em movimento

Steve Paxton: uma referência fundamental da dança contemporânea; um dos fundadores do Judson Dance Theatre, fonte de criações colectivas que lançaram as raízes da dança pós-moderna.

No seu percurso sempre se dedicou ao estudo do corpo e do movimento, desfazendo barreiras entre o bailarino e o não bailarino e elaborando práticas que continuam a constituir matéria fundamental na organização do trabalho de corpo como o Contact Improvisation ou Material for the Spine. Um apuramento de um percurso dedicado à dança e à escrita que provém de uma investigação continuada na escuta do movimento, da sua complexa configuração anatómica e da prática de meditação em profunda relação com a vida. O seu trabalho enquanto criador, bailarino e professor é conhecido por todo o mundo mantendo uma colaboração com artistas como Robert Ashley, Trisha Brown, Boris Charmatz, Kathy Duck, Lisa Nelson ou Vera Mantero.

Actualmente as suas deslocações são cada vez mais raras e, assim, mais preciosas.

Para o c.e.m a vinda de Steve Paxton a Portugal cria um momento ímpar no depuramento da investigação artística que trabalhamos; para a comunidade em geral é uma oportunidade única de aprendizagem e partilha no convívio com este grande artista, pela sua humanidade, coerência e clareza.

Steve Paxton estará em Portugal para esta Conferência/ Demonstração, acolhida pela Culturgest, e também para o curso Material for the Spine que se insere no FC Verão 2011 - 8º curso internacional de artes performativas, uma parceria entre o c.e.m - centro em movimento e o Fórum Dança.

A vinda de Steve Paxton a Portugal é uma iniciativa do c.e.m - centro em movimento em colaboração com o Fórum Dança, com o apoio da Culturgest.

Mais informações em www.c-e-m.org, cem@c-e-m.org e 21 887 19 17

Steve Paxton, a fundamental reference of post-modern and contemporary dance and the founder of the Judson Dance Theatre, comes to Lisbon in an initiative of c.e.m in collaboration with Fórum Dança and Culturgest, who will host this Lecture/Demonstration.

Exposições

1+1+1=3

Hermann Pitz
Michael Snow
Bernard Voïta



Michael Snow. *WVLNT (Wavelength for Those Who Don't Have the Time. Originally 45 minutes. Now 15)*, 1966-1967/2003

EXPOSIÇÃO

ATÉ 22 DE MAIO

Galeria 1
2 Euros

As galerias encerram
nos dias 22, 24 de Abril
e 1 de Maio.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 16 de Abril, 17h00

Percursos e conversas
na galeria com os
colaboradores
do Serviço Educativo
Domingos, 17 de Abril
e 22 de Maio, 17h00

Curadoria Friedrich Meschede

Esta é a segunda de uma série de exposições na Culturgest que se baseia numa premissa: a realização de três exposições individuais simultâneas que dialogam entre si e, em última instância, se conjugam para formar uma exposição colectiva.

O ponto de partida desta exposição é o *atelier*, o espaço onde um artista desenvolve e executa o seu trabalho. O *atelier* enquanto lugar de produção de arte deslocou-se, mais recentemente, para o espaço público. Assistimos a exposições que se vêem definidas por instalações de grande dimensão, em relação directa com o próprio espaço, aparecendo assim como *atelier* aberto ao público, de tal maneira que o documentário ou a própria situação deixam marcas na visão do artista.

Esta exposição apresenta um espectro de conceitos de *atelier* variados e que vão para lá do que é público ou documental. Nas versões do *atelier* desenvolvidas por Hermann Pitz (Oldenburg, Alemanha, 1956), Michael Snow (Toronto, Canadá, 1929) e Bernard Voïta (Cully, Suíça, 1960), o *atelier* é um lugar que serve de retiro ao artista, para que este, protegido da realidade, possa encontrar as suas próprias imagens. Por trás disto esconde-se certamente uma postura romântica, por oposição ao voyeurismo expressivo acima descrito. Mas a esta noção do *atelier* está também ligada a ideia de que a arte ainda é qualquer coisa estranha que quer ser vista fora de uma norma cada vez mais abrangente e que por isso cria novas experiências visuais.

This is the second in a series of exhibitions taking place at Culturgest, all based on a simple premise: the presentation of three concurrent solo exhibitions that establish a dialogue between one another and ultimately come together to form a group exhibition.

The starting point of this exhibition is the studio in which an artist develops and realizes his work. As a place where art is produced, the studio has, in recent decades, moved out into the public space. Large site-specific installations have been defining exhibitions, making them seem like studios open to the public, so that the artist's visual imagery is also influenced by documentary characteristics, or by the given situation.

This exhibition expresses a range of different concepts of the studio, which go beyond the public and the documentary. In the versions of the studio developed by Hermann Pitz (Oldenburg, Germany, 1956), Michael Snow (Toronto, Canada, 1929) and Bernard Voïta (Cully, Switzerland, 1960), the studio is a place to which artists can retreat to invent images of their own in an atmosphere shielded from reality. Behind this must surely be a romantic attitude that is the opposite of the expressive voyeurism described above. Yet this notion of the studio is also related to the idea that art is always something different, which has to be seen outside of a constantly expanding norm and thus creates new visual experiences.

Gedi Sibony



Osbasak Seker, 2008 · Coleção Zabłudowicz

EXPOSIÇÃO

ATÉ 22 DE MAIO

Galeria 2
2 Euros

As galerias encerram
nos dias 22, 24 de Abril
e 1 de Maio.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 7 de Maio, 17h00

Percursos e conversas
na galeria com os
colaboradores
do Serviço Educativo
Domingos, 17 de Abril
e 22 de Maio, 18h00

Curadoria Anthony Huberman

Como tudo o mais, os objectos vêm e vão, ganhando e perdendo uso, inspirando e expirando. São acarinhados, mas depois esquecidos e destruídos, ou então reverenciados e sacralizados. Enquanto atravessam o tempo e o espaço, vivendo as suas vidas, as suas superfícies acumulam as marcas de acidentes, de milagres e de encontros passados. O que emerge é o poder fundamental do estritamente necessário e a magia simples do mundano.

O artista nova-iorquino Gedi Sibony (n. 1973) situa a materialidade da experiência na vida de objectos naufragados, subtraindo-os à extinção. Materiais de embalagem, contraplacados, portas de madeira, tubos de metal, molduras, cortinas ou fragmentos de alcatifa denunciam uma civilização que os deixa para trás na sua frenética sobreprodução, e transformam-se em indícios de um novo sentido de equilíbrio. Não se trata apenas de esculturas autónomas, mas de arranjos encadeados no espaço como notas musicais, contando uma história feita de empatia, de correspondências intuitivas, de pausas cuidadosas e de pequenas epifanias.

A presente exposição celebra o envolvimento directo de Sibony com a experiência do mundo, e reúne uma vasta selecção das suas peças recentes, incluindo uma série de novas obras, apresentadas pelo artista numa instalação especificamente concebida para o local.

Like anything else, objects come and go, falling in and out of use, breathing in and breathing out. They are cherished, but then forgotten and broken, or else revered and enshrined. As they pass through time and space, living their lives, their surfaces accumulate the marks of past accidents, miracles and encounters. What emerge are the fundamental power of bare essentials and the effortless magic of the mundane.

The New York-based artist Gedi Sibony (b. 1973) locates the materiality of experience in the life of castaway objects and pulls them from extinction. His plastic sheets, plywood, hollow core doors, metal pipes, picture frames, curtains or carpet fragments protest against a civilization that leaves them behind in its frantic over-production, becoming evidence of a new sense of equilibrium. These are not only autonomous sculptures, but arrangements that are strung together in space like musical notes, telling a tale of human touch, intuitive correspondences, careful pauses and small epiphanies.

This exhibition celebrates Sibony's direct engagement with experiencing the world, and gathers together a wide selection of his recent pieces, including a series of new works, which are presented in a site-specific installation conceived by the artist.

Pedro Diniz Reis

De A a Z

From A to Z



Página de *O Livro dos AA*, Lisboa, Culturgest, 2010

EXPOSIÇÃO

DE 2 DE JULHO
A 18 DE SETEMBRO

Inauguração:
1 de Julho, 22h00

Galeria 1
2 Euros

Curadoria Miguel Wandschneider

A exposição que Pedro Diniz Reis (Lisboa, 1972) realizou, há alguns meses atrás, na Culturgest do Porto - *Um dicionário, quatro alfabetos e um sistema decimal* - reuniu um extraordinário conjunto de obras, produzidas entre 2004 e 2010. Essas obras caracterizam-se pela utilização de signos linguísticos (diferentes alfabetos, todas as palavras de um dicionário inglês, os números de 0 a 9 ditos em japonês) em processos de composição visual e/ou sonora que aplicam determinadas regras de combinação e sequenciação dos elementos para gerar resultados que escapam à subjectividade do artista. Tomando os signos linguísticos como matéria abstracta, puramente significante, Pedro Diniz Reis reactiva, de um modo muito particular, as tradições da poesia visual e da música aleatória, convidando o espectador a uma experiência sensorial fortemente imersiva.

Pretendendo dar a conhecer esse ciclo de obras, e ao mesmo tempo assinalar o fecho de um tal ciclo, a exposição acabou por ter consequências tão inesperadas quanto determinantes no desenvolvimento do seu trabalho. No âmbito do projecto expositivo para a Culturgest, Pedro Diniz Reis concebeu uma obra fascinante, *O Livro dos AA*, que retém, em 456 constelações gráficas (uma por cada página do livro), todos os "aa" que se encontram num dicionário de português. Por sua vez, este livro e a peça sonora *Five* (2010), incluída naquela exposição, abrem todo um novo campo de possibilidades criativas que o artista está agora a explorar. É este momento de extraordinária combustão criativa no seu trabalho que esta segunda exposição de Pedro Diniz Reis na Culturgest, alguns meses apenas depois da anterior, pretende captar.

The exhibition that Pedro Diniz Reis (Lisbon, 1972) held some months ago, at Culturgest in Porto - *A dictionary, four alphabets and a decimal system* - brought together a remarkable group of works, produced between 2004 and 2010. These works are characterised by the use of linguistic signs (different alphabets, all the words of an English dictionary, the numbers from 0 to 9 spoken in Japanese) and processes of visual and sound composition in which the application of rules for the combination and sequencing of the different elements generates results that fall beyond the artist's subjectivity. Taking the linguistic signs as purely abstract material, as pure signifiers, Pedro Diniz Reis reactivates, in his own way, the traditions of visual poetry and aleatoric music, inviting the spectator to a deeply immersive viewing-hearing experience.

Seeking to present this cycle of works, while at the same time marking the end of such a cycle, the exhibition ended up having consequences that were as unexpected as they were decisive in the development of the artist's work. It is this moment of extraordinary creative combustion in his work that this second exhibition at Culturgest, held only a few months after the former, seeks to capture.

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 10 Setembro, 17h00

Percursos e conversas
na galeria com os
colaboradores
do Serviço Educativo
Domingos, 19 de Junho
e 17 de Julho, 17h00

Hans Schabus

O espaço do conflito The Space of Conflict



Wienfluß, Wien, 16. Februar 2002, 2002 · Cortesia do artista e de Kerstin Engholm Galerie, Viena

EXPOSIÇÃO

DE 2 DE JULHO
A 18 DE SETEMBRO

Inauguração:
1 de Julho, 22h00

Galeria 2
2 Euros

Visita guiada por
Miguel Wandschneider
Sábado, 17 Setembro, 17h00

Percursos e conversas
na galeria com os
colaboradores
do Serviço Educativo
Domingos, 19 de Junho
e 17 de Julho, 18h00

Curadoria Pablo Fanego

Hans Schabus (Watschig, Áustria, 1970) adquiriu notoriedade no mundo da arte devido, sobretudo, a uma série de projectos específicos realizados em lugares muito diversos (por exemplo, a Secession em Viena, a Kunsthaus de Bregenz, o pavilhão austríaco da Bienal de Veneza, ou o Site Santa Fe). Caracterizados por uma aproximação performativa aos respectivos contextos, esses projectos integravam múltiplos elementos vinculados à própria arquitectura e ao seu enquadramento.

Contudo, se existe um lugar para o qual, em última instância, os seus trabalhos remetem, esse lugar é o espaço do seu *atelier*, o âmbito físico e mental onde se desenrola o verdadeiro conflito entre o real e o possível, entre o contingente e o fictício. O *atelier* é, para Schabus, simultaneamente realidade e representação; é o lugar onde passa o seu tempo e onde a realidade é processada como material, e é a metáfora da sua concepção da prática artística e da sua posição no mundo.

O *espaço do conflito* pretende examinar as múltiplas sinuosidades que caracterizam a busca pessoal de Schabus e o conduzem do *atelier* à situação, e desta de novo ao *atelier*. Um duplo movimento em que as estratégias de distanciamento e ficcionalidade – com referências nem sempre explícitas que vão de Brancusi a Bas Jan Ader, de H. David Thoreau à figura *country* do “andarilho” – são pelo menos tão importantes quanto os dados que nos aproximam daquilo a que chamamos realidade.

Hans Schabus (Watschig, Austria, 1970) has acquired great notoriety in the art world due, above all, to a series of specific projects undertaken in very different places and characterised by a performative approach to these contrasting contexts, incorporating multiple elements that were associated with the architecture itself and with its surroundings.

However, if there is a place to which the works of Schabus ultimately refer, it is the space of his studio, the physical and mental space where the true conflict between the real and the possible, between the contingent and the fictitious, unfolds. For Schabus, the studio is simultaneously reality and representation; it is the place where he spends his time and where reality is processed as material, and it is the metaphor for his conception of the artistic practice and of his position in the world.

The Space of Conflict seeks to examine the multiple unevennesses that characterise Schabus' personal search and lead him from the studio to the situation, and then back to the studio again. A double movement in which the strategies of distancing and fictionality – with references that are not always explicit and range from Brancusi to Bas Jan Ader, from H. David Thoreau to the country figure of the “ramblin' man” – are at least as important as the data that bring us closer to what we call reality.

Willem Oorebeek Aglaia Konrad



CONVERSAS

SÁB 2 DE ABRIL

Pequeno Auditório
17h00 (Willem Oorebeek)
18h15 (Aglaia Konrad)
Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Falado em inglês,
sem tradução

A conversa com Willem Oorebeek (Pernis, Holanda, 1953) acerca da sua prática artística tem como ponto de partida o livro *Monolith+++*, publicado no contexto da sua exposição *Monolith: Once or Many*, que decorreu na Culturgest, no Verão de 2008.

O trabalho de Willem Oorebeek emerge de um fascínio pela omnipresença e pelos diferentes usos da imagem e do texto impressos na sociedade contemporânea. A escolha dos meios de impressão para a realização do seu trabalho revela-se assim instrumental, não só por relação com o assunto das obras, mas também para explorar questões que desde sempre lhe interessaram, como as da reprodução, repetição, autoria e originalidade.

A conversa com Aglaia Konrad (Salzburgo, 1960) irá incidir sobre três livros seus: *Elasticity* (Roterdão, NAI Publishers, 2002), *Iconicity* (Colónia/Antuérpia, Walther König/De Singel, 2005) e *Desert Cities* (Zurique, JRP/Ringier, 2008).

Aglaia Konrad é uma artista que recorre à fotografia e ao vídeo como *media*, para desenvolver, com um entusiasmo infeccioso, uma pesquisa visual sobre a arquitectura e o espaço urbanos. Exemplos de utopias locais, de modernismo programático e de pragmatismo eufórico são encadeados em ensaios visuais acerca de uma forma de vida inconfundivelmente contemporânea – a metrópole urbana.

The book of Willem Oorebeek (Pernis, Holland, 1953) *Monolith+++* – published in the framework of his exhibition *Monolith: Once or Many*, held at Culturgest in the summer of 2008 – provides the framework for a conversation with the artist.

The work of Willem Oorebeek issues out of a fascination with the omnipresence and multiple uses of the printed image and text in contemporary society. The choice of printing media in his practice is thus instrumental not only in relation to the subject matter of the works, but also in order to deal with issues that have always interested him, such as reproduction, repetition, authorship and originality.

The conversation with Aglaia Konrad (Salzburg, 1960) will be centred on three of her books: *Elasticity* (Rotterdam, NAI Publishers, 2002), *Iconicity* (Cologne/Antwerp, Walther König/De Singel, 2005) and *Desert Cities* (Zurich, JRP/Ringier, 2008).

Aglaia Konrad is an artist who, with infectious enthusiasm, uses photography and video as media for undertaking visual research into urban space and architecture. Examples of local utopias, programmatic modernism and euphoric pragmatism are linked together in visual essays about an unmistakably contemporary way of life – the urban metropolis.

Asier Mendizabal

CONVERSA

SÁB 30 DE ABRIL

Pequeno Auditório
17h00 · Entrada gratuita

Levantamento de senha de acesso 30 minutos antes da sessão, no limite dos lugares disponíveis. Máximo por pessoa: 2 senhas.

Falado em castelhano, sem tradução

À exposição de Asier Mendizabal na Culturgest, em Fevereiro de 2010 (*and/or*), sucede agora o livro *Fire and/or Smoke*. Reunindo 65 dos seus textos publicados, entre Março de 2007 e Janeiro de 2010, no suplemento cultural *Mugalari* do jornal basco *Gara*, este livro dá o mote para uma conversa com o artista em torno das suas ideias e do seu trabalho.

Asier Mendizabal (Ordizia, Espanha, 1973) propõe no seu trabalho uma crítica analítica da ideologia como domesticação da potência do signo por um conjunto de significados estabelecidos e consensualizados nos quais um determinado grupo ou colectivo se revê. Por outras palavras, o artista coloca em perspectiva as complexas articulações entre o estético e o político através de uma abordagem do signo na sua materialidade, enquanto signifiante que se apresenta, por defeito ou por excesso, aquém ou além de significados adquiridos, irreduzível ao já representado e ao já pensado.

Tomando como quadros de referência certas subculturas muito específicas (o *punk* ou o activismo político de base), o artista reequaciona os legados – as possibilidades, mas também os dilemas, os impasses e as aporias – da tradição da escultura como monumento, de experiências de politização da arte por parte de certas vanguardas (por exemplo, as vanguardas russas), do cinema político e militante, ou do documentarismo, para enfrentar um problema que atravessa toda a sua obra: o problema do realismo.

The publication of the book *Fire and/or Smoke* follows Asier Mendizabal's exhibition at Culturgest in February 2010 (*and/or*). Compiling 65 of his texts published in the cultural supplement *Mugalari* of the Basque newspaper *Gara*, between March 2007 and January 2010, this book sets the frame for a conversation with the artist about his ideas and work.

Asier Mendizabal (Ordizia, Spain, 1973) proposes in his work an analytical critique of ideology as a means of domesticating the power of the sign through a set of established and generally consensual meanings in which a certain group or collective sees itself reflected. In other words, the artist puts into perspective the complex articulations between the aesthetic and the political, approaching the sign in its material condition as a signifier that, through incompleteness or excess, either falls short of or goes beyond acquired signifieds, remaining irreducible to what is already represented and already thought.

Taking as his frames of reference certain very specific subcultures (punk or grassroots political activism), the artist reconsiders the legacies (possibilities, dilemmas and dead ends) of the tradition of sculpture as a monument, of experiments with the politicisation of art made by certain avant-gardes (for example, the Russian avant-gardes), of political and militant cinema, or of documentarism, in order to confront a problem that runs through the whole of his work: the problem of realism.



Cinema, 1999 · Coleção MACBA, Museu d'Art Contemporani de Barcelona · Fotografia: DMF

O modo como não foi (celebrando dez anos de castillo/corrales, Paris)

The Way it Wasn't
(Celebrating ten years of
castillo/corrales, Paris)



EXPOSIÇÃO

CULTURGEST PORTO
ATÉ 23 DE ABRIL

Entrada gratuita

Curadoria castillo/corrales

Artistas: Aaron Flint Jamison, Aglaia Konrad, Amy Sillman, Barry Le Va, Cao Fei, CS Leigh, Gabriel Orozco, Guillaume Leblon, Haim Steinbach, Heimo Zobernig, Jay Chung & Q Takeki Maeda, Jimmie Durham, Joe Scanlan, Kathryn Bigelow, Melanie Gilligan, Natascha Sadr Haghigian, Nils Norman, Oscar Tuazon, Willem Oorebeek

Quando é que um espaço de arte independente sente que já tem idade para reviver a sua própria história sob a forma de uma exposição retrospectiva? Quando é que chega o momento de se considerar que as suas actividades merecem ser registadas numa publicação historicizante? A resposta é dez anos. Essa parece ser a convenção a aplicar neste caso. Dez anos já permitem distinguir as provas dadas de uma ideia de auto-enaltecimento.

O modo como não foi questiona o inevitável estabelecimento de uma organização outrora considerada alternativa. Aborda a ilusão de coerência que um empreendimento deste tipo frequentemente ganha num olhar retrospectivo, e também a importância exagerada que uma pequena estrutura localizada pode assumir quando vista à distância.

Celebrar em Portugal os dez anos de tentativas da castillo/corrales significa mostrar mais do que realmente aconteceu. *O modo como não foi* retoma exposições e projectos que foram apresentados na galeria de 29 m² em Paris, mas também incide noutros que não chegaram realmente a existir. Alguns foram apenas discutidos e logo adiados. Para outros, não era simplesmente o momento certo.

A exposição é co-produzida com Midway Contemporary em Minneapolis.

When can an independent art space feel it is old enough to revive its own history in the form of a retrospective exhibition? When is it right to think its record of activities deserves a historicizing publication? The answer is ten years. This is the convention that seems to apply here. Ten years is what distinguishes real proof of accomplishment from self-aggrandizing thinking.

The Way it Wasn't questions the ineluctable establishment of a once-considered-alternative organization. It addresses the illusion of coherence that such a day-by-day endeavour often gains in retrospect, as well as the overblown importance that a small, localized structure can take in the view from afar.

Celebrating ten years of trials of castillo/corrales in Portugal means to show more than there actually is. *The Way it Wasn't* draws from exhibitions and projects which did take place in the 29 square-metre Paris-based gallery, and from ones which almost did. Some were only discussed, and were then postponed. For others, it just wasn't the right time.

The exhibition is co-produced with Midway Contemporary in Minneapolis.

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Luísa Correia Pereira

A convocação
de todos os seres
The summoning
of all beings



4 bolas - 4 arcos - 1 pau, 1973 · 32,5 x 25 cm · Monotipo

EXPOSIÇÃO

CULTURGEST PORTO
DE 14 DE MAIO
A 14 DE AGOSTO

Inauguração:
13 de Maio, 22h00

Entrada gratuita

Visitas guiadas a grupos
escolares e/ou organizados
(a partir de 10 pessoas)

Inscrições e informações:
Tel. 22 2098116 · Fax. 22 2098121
susana.sameiro@cgd.pt

Curadoria Gáetan Lampo e Miguel Wandschneider

Luísa Correia Pereira (Lisboa, 1945-2009) produziu, ao longo de quase quatro décadas, uma obra de pintura e de desenho idiosincrática, com notáveis fulgurações, mas que uma grande parte do mundo da arte desconhece ou à qual permanece indiferente.

Em 2003, a Fundação EDP organizou, em colaboração com o Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, uma exposição individual de Luísa Correia Pereira (*Fiat Lux: Paris-Lisboa*), que pretendia assumidamente reparar tal injustiça. A exposição estabelecia um contraponto entre uma selecção de trabalhos (pinturas a acrílico sobre tela e guaches e aguarelas sobre papel) do início da década de 1970 e um núcleo de pinturas e de desenhos realizados no final da década de 1990, pertencentes, na sua maioria, a duas importantes séries (*Jogos Infantis e Desportos e Jogos*).

A convocação de todos os seres centra-se na obra gráfica (gravuras em metal, linóleos, xilogravuras e monotípicas) de Luísa Correia Pereira, datada de 1971 a 1974, anos fundadores e fundamentais da sua prática artística, durante os quais viveu em Paris. Apesar da extraordinária importância deste conjunto de trabalhos no contexto da sua obra, a maior parte deles permanece inédita. Esta exposição constitui assim uma oportunidade para (re)descobrir a obra desta artista e para reavaliar o seu lugar numa história da arte contemporânea portuguesa a necessitar urgentemente de outras narrativas.

For almost four decades, Luísa Correia Pereira (Lisbon, 1945-2009) produced an idiosyncratic group of paintings and drawings, with moments of great splendour, even though they continue to be largely unknown or regarded with indifference by the art world in general.

In 2003, the EDP Foundation organised a solo exhibition of Luísa Correia Pereira's work in partnership with the Calouste Gulbenkian Foundation's Modern Art Centre (*Fiat Lux: Paris-Lisbon*), which deliberately set out to remedy such a great injustice. The exhibition established a counterpoint between a selection of works (acrylic paintings on canvas and gouaches and watercolours on paper) from the early 1970s and a group of paintings and drawings from the late 1990s, most of which belonged to two important series (*Children's Games and Sports and Games*).

The summoning of all beings is centred on Luísa Correia Pereira's graphic work (metal engravings, linocuts, xylographs and monotypes), dating from 1971 to 1974, a period during which she lived in Paris and which was foundational and fundamental in her artistic practice. Despite the extraordinary importance of this group of works in the context of her oeuvre, most of them have never been seen before. This exhibition is therefore an opportunity to (re)discover this artist's work and reappraise her place in a history of Portuguese contemporary art in urgent need of other narratives.

José Pedro Croft

EXPOSIÇÃO

CHIADO 8
DE 9 DE MAIO
A 1 DE JULHO

Inauguração:
6 de Maio, 22h00

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

Tendo iniciado o seu percurso expositivo em meados da década de 1980, José Pedro Croft (Porto, 1957) tem desenvolvido, nos últimos 25 anos, um universo autoral ímpar no contexto da escultura contemporânea. Entendida como um vocabulário, mais do que como uma tecnologia, a escultura é, para este artista, não só um campo operativo com uma dada tradição e um conjunto de funções históricas, mas também um campo de absoluta vitalidade e um lugar particularmente apropriado para testar, reformular ou destabilizar os protocolos que vão gerindo a nossa experiência do mundo material. Não é estranho, portanto, que uma parte significativa da produção de José Pedro Croft se tenha articulado sobre um eixo de interesses que contempla, por um lado, as noções de monumento, de presença solene ou de corpo simbólico, e, por outro, os objectos e materiais do quotidiano, a sua carga vernacular e o seu estatuto concreto.

Com o conjunto de obras que agora apresenta no Chiado 8, o artista prolonga uma vertente da sua prática na qual a combinação de estruturas de cariz industrial com superfícies reflectoras faz deflagrar particulares disrupções perceptivas. Através destas, somos impelidos a reavaliar a forma como nos habituámos a pensar e a viver o espaço, as relações que nele se estabelecem e as representações que dele fazemos, mas também o modo como com ele interagimos e o que do próprio corpo se revela nessa particular interacção.

Since first starting to exhibit his work in the mid-1980s, José Pedro Croft (Porto, 1957) has developed a distinct universe of his own within the context of contemporary sculpture. For this artist, sculpture is a vocabulary rather than a technology, being considered not only an operative field with a given tradition and a set of historical functions, but also a field of absolute vitality that is particularly appropriate for testing, reformulating or destabilising the protocols that administer our experience of the material world. It is therefore not surprising that a significant part of José Pedro Croft's production should be centred around a group of interests that, on the one hand, include the notions of monument, solemn presence or symbolic body, and, on the other hand, the objects and materials of everyday life, their vernacular significance and concrete status.

With the group of works that he is now presenting at Chiado 8, the artist will be continuing an aspect of his practice in which the combination of industrial structures with reflecting surfaces causes particular disruptions to our perception. When confronted with these pieces, we are forced to reassess not only the way in which we have become accustomed to thinking about and experiencing space, the relationships that are established within it and the representations that we make of it, but also the way in which we interact with it and what is revealed about the body itself in this particular interaction.



Ricardo Jacinto



Flagment, 2010

EXPOSIÇÃO

CHIADO 8
DE 25 DE JULHO
A 14 DE OUTUBRO

Inauguração:
22 de Julho, 22h00

Entrada gratuita

Curadoria Bruno Marchand

A noção de experiência sincrética é particularmente oportuna quando falamos do encontro com o trabalho de Ricardo Jacinto (Lisboa, 1975). Isto porque, longe de se restringir a um campo de produção ou a um *medium* específico, este artista tem pautado a sua prática pela utilização de todas as ferramentas ao seu dispor para a criação de obras cuja experiência se quer una no seu sentido, porém múltipla nas suas formas, nos seus recursos e nos seus estímulos.

Movimentando-se sem restrições no campo da música, da escultura, do vídeo, da *performance* ou da arquitectura, Ricardo Jacinto tem vindo a desenvolver, desde o final da década de 1990, um corpo de trabalho de base eminentemente projectual, cuja metodologia se pauta por uma abertura significativa à experimentação e à colaboração entre pares. Independentemente das formas que assumem no momento expositivo, as obras deste artista concentram-se frequentemente no estabelecimento de perturbações que, ora subtis ora impositivas, nunca descumam a intensidade somática.

The notion of syncretic experience is particularly pertinent when talking about the work of Ricardo Jacinto (Lisbon, 1975). Far from limiting himself to one field of production or to one specific medium, this artist has based his practice on the use of all the tools available to him for creating works whose experience is meant to be singular in its meaning, but multiple in its forms, resources and stimuli.

Moving without any restrictions within the field of music, sculpture, video, performance or architecture, Ricardo Jacinto has been developing a body of eminently project-based work since the late 1990s, in which the methodology that he uses is guided by a remarkable openness to experimentation and collaboration among peers. Regardless of the forms that they take on at the time of their exhibition, this artist's works are frequently centred on establishing disturbances that, sometimes subtle and sometimes unyielding, never neglect their somatic intensity.

Zona Letal, Espaço Vital

Obras da Colecção da Caixa Geral de Depósitos



Rosângela Rennó, *Experiência de cinema* (pormenor), 2004-2005. Cortesia da artista · Fotografia: Ding Musa

EXPOSIÇÃO ITINERANTE

**Museu de Arte
Contemporânea de Elvas**
De 16 de Abril a 3 de Julho
Inauguração: 16 de Abril,
16h00

**Museu de Arte
Contemporânea de Elvas**
Rua da Cadeia, 7350 Elvas
Tel. 268 637 150
Horário: das 10h00 às 13h00
e das 15h00 às 18h30.
Encerra à 2ª feira
e na manhã de 3ª feira.

**Ateliers de som, poesia,
desenho e escrita;
Visitas guiadas**
Pré-escolar, 1º e 2º ciclos
De 16 de Abril a 3 de Julho

**Workshop com a artista
Armanda Duarte a partir de
propostas de outros artistas
na exposição**
3º ciclo, ensino superior
e público geral
4, 11, 18, 25 de Maio
e 4 de Junho

Para informações sobre outras
actividades educativas e
preços de bilhetes consulte
www.cm-elvas.pt
ou www.culturgest.pt

**Museu Municipal de
Tavira/Palácio da Galeria**
De 1 de Outubro
a 31 de Dezembro

**m|j|mo - museu da imagem
em movimento/ Município
de Leiria**
De 14 de Janeiro
a 1 de Abril de 2012

Curadoria Sara Antónia Matos

O projecto de itinerância da Colecção da Caixa Geral de Depósitos apresenta a sua terceira edição. A exposição *Zona Letal, Espaço Vital* procura aproximar o espectador de algo a que geralmente não tem acesso: o processo criativo. Sabendo que este não é rígido nem visível e que cada artista desenvolve procedimentos singulares de criação, pretendeu mostrar-se que as obras não são o resultado de um desenvolvimento linear. A exposição é também o terreno onde o limite e a possibilidade de diálogo entre o corpo e as obras são testados. Deste modo, desafia-se o espectador a fazer resgates na memória e a usar o saber do seu corpo para apreender as múltiplas dimensões do espaço.

A primeira apresentação de *Zona Letal, Espaço Vital* terá lugar no Museu de Arte Contemporânea de Elvas. Serão apresentadas obras de Armanda Duarte, Carmela Gross, Fernanda Fragateiro, Fernando Calhau, Francisco Tropa, Helena Almeida, João Penalva, Joaquim Bravo, Jorge Molder, José Pedro Croft, Leonor Antunes, Luísa Cunha, Marta Wengorovius, Michael Biberstein, Noronha da Costa, Pedro Cabrita Reis, Ricardo Jacinto, Rui Chafes, Rui Sanches, Rui Toscano e Waltercio Caldas.

A exposição será acompanhada pela edição de um catálogo e actividades educativas dirigidas a públicos diversos.

The third cycle of exhibitions based on the Colecção da CGD, now being curated by Sara Antónia Matos under the title *Lethal Zone, Vital Space*, is designed to bring its audience closer to something they do not normally have access to – the creative process. Since this process is neither immutable nor visible, and all artists have their own unique creative procedures, the aim is to challenge the idea that the artistic process is the result of a linear development.

This exhibition brings into discussion the limits and possibilities of dialogue between body and art work, challenging spectators to recall their memories and use the knowledge of their own bodies to apprehend the multiple dimensions of space.

Lethal Zone, Vital Space is first being presented at the Museu de Arte Contemporânea de Elvas, and will include works by Armanda Duarte, Carmela Gross, Fernanda Fragateiro, Fernando Calhau, Francisco Tropa, Helena Almeida, João Penalva, Joaquim Bravo, Jorge Molder, José Pedro Croft, Leonor Antunes, Luísa Cunha, Marta Wengorovius, Michael Biberstein, Noronha da Costa, Pedro Cabrita Reis, Ricardo Jacinto, Rui Chafes, Rui Sanches, Rui Toscano and Waltercio Caldas.

The exhibition will be accompanied by the publication of a catalogue and a series of educational activities.



Serviço Educativo

(és)Passos da Caixa - III acto

Visita em movimento em torno do edifício

Para todas as idades · Vários espaços do edifício sede da CGD · Lotação limitada
2 Euros (preço único) · Gratuito para funcionários da Caixa Geral de Depósitos

**Quintas-feiras, 30 de Junho,
7 e 14 de Julho, 18h00**
Sexta-feira, 1 de Julho, 18h00
**Sábados, 2 e 9 de Julho,
18h00**

Ponto de encontro:
bilheteira do átrio de entrada
da Culturgest

Coreografia e performance Yola Pinto
Produção Serviço Educativo

Quer fazer parte deste projecto?

Vamos fazer um encontro
de voluntários no dia 12
de Abril, pelas 18h30. Para
inscrições e mais informações
contacte-nos para culturgest.
servicoeducativo@cgd.pt

Dizem que o 3 é um número mágico e pleno de simbologia.
Por isso, para celebrar a sua terceira e última edição, a
performance (és)Passos da Caixa – através do serviço educativo
e da bailarina e coreógrafa Yola Pinto – convida todos os seus
fãs para dela fazerem parte.

Para nós, mais do que números mágicos, existem momentos
exclusivos, criados pela reunião das pessoas numa ocasião
especial. Nesta nova *performance* em torno do edifício sede da
Caixa Geral de Depósitos seremos todos nós – os que trabalham
diariamente no edifício e os que aqui vêm habitualmente como
clientes e visitantes – que daremos vida a estes espaços.

Relembrando o que foi feito nos últimos dois anos,
visitando espaços privados ou de difícil acesso, dançando e
coreografando um edifício monumental, o (és)Passos da Caixa
será oficialmente de todos nós.

Testemunhos da edição passada:

*Gostaria de enviar os meus sinceros Parabéns a todos quantos
colaboraram nesta iniciativa que, para espanto meu, suplantou a
do ano passado. Gostei muito mesmo! Elisabete Tavares Santos
Participei hoje no II Acto e a hora passou a voar. Já sou avó, mas
a magia da visita fez-me relembrar os tempos de criança.*

*Continuem a ajudar-nos a tornar mais leves os dias de trabalho
intensivo, com actividades inovadoras, cheias de humor e de
sensibilidade. Maria Amélia Figueiredo*



© Jorge Gil de Almeida

Actividades para adultos

Percursos e conversas na galeria

Requerem apenas o bilhete de entrada nas exposições

1+1+1=3

**Hermann Pitz, Michael Snow,
Bernard Voïta**

Até 22 Maio · Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 58 e 59



Com os colaboradores do Serviço Educativo

Domingos, 17 de Abril e 22 de Maio, 17h00

Visita guiada por Miguel Wandschneider

Sábado, 16 de Abril, 17h00

Gedi Sibony

Até 22 Maio · Galeria 2

Para mais informações
ver páginas 60 e 61



Com os colaboradores do Serviço Educativo

Domingos, 17 de Abril e 22 de Maio, 18h00

Visita guiada por Miguel Wandschneider

Sábado, 7 de Maio, 17h00

Pedro Diniz Reis

De 2 Julho a 18 Setembro

Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 62 e 63



Com os colaboradores do Serviço Educativo

Domingos, 19 de Junho e 17 de Julho, 17h00

Visita guiada por Miguel Wandschneider

Sábado, 10 de Setembro, 17h00

Hans Schabus

De 2 Julho a 18 Setembro

Galeria 2

Para mais informações
ver páginas 64 e 65



Com os colaboradores do Serviço Educativo

Domingos, 19 de Junho e 17 de Julho, 18h00

Visita guiada por Miguel Wandschneider

Sábado, 17 de Setembro, 17h00



Guia áudio disponível. Solicite-os, gratuitamente,
junto à entrada da exposição.



'Descobertas a tiracolo', disponível. Actividade gratuita destinada a famílias e a grupos de amigos com sentido
de humor apurado. Conjunto de jogos e pistas com o qual o grupo se (auto)guia pela galeria.

Actividades para Famílias

Oficinas para pais e filhos

5 Euros · Marcação prévia

As oficinas mensais para crianças também abrem as portas aos pais!

Convidamos os pais a aprender uma técnica artística em que os professores serão os próprios filhos.

Um espaço de criação artística, mas também de novas e importantes cumplicidades.

Máquinas de Ruído Táctil

Oficina de construção de sintetizadores

Com André Castro

30 de Abril das 15h00 às 17h30

Ruído táctil tem por base a construção de sintetizadores de som caseiros, reactivos ao toque. A electrónica, a expressão plástica e a sensibilidade musical serão convocadas nesta oficina, na qual jovens e adultos terão muito para inventar e também para se divertir.



Actividades para crianças e jovens

Oficinas ao sábado à tarde

Dos 12 aos 14 anos · 5 Euros (por sessão) · 15 Euros (4 sessões) · Marcação prévia

Todos os meses convidamos um artista diferente para acompanhar um grupo de crianças e jovens na descoberta do seu universo artístico.

As sessões são de continuidade mas os jovens poderão vir apenas a uma das sessões.

Máquinas de Ruído Táctil

Oficina de construção de sintetizadores

Com André Castro

2, 9, 16 e 30* de Abril das 15h00 às 17h30

Ruído táctil tem por base a construção de sintetizadores de som caseiros, reactivos ao toque. A electrónica, a expressão plástica e a sensibilidade musical serão convocadas nestas oficinas, nas quais jovens e adultos terão muito para inventar e também para se divertir.

* Sessões de pais e filhos

Celebra o teu dia de anos com arte

Entrada gratuita aos pais acompanhantes · Para grupos organizados (mínimo 10 crianças, máximo 20 crianças) · Dos 5 aos 12 anos · Marcação prévia · 175 Euros (por grupo)

Dentro da galeria de arte ou com expressões artísticas variadas, estas oficinas oferecem a possibilidade de uma festa fora do comum com partidas e aventuras inesquecíveis para todos!

Novas actividades e novos temas

- I. Oficina de expressão plástica relacionada com a exposição
- II. Oficina de movimento relacionada com a exposição
- III. O baú – oficina de expressão dramática
- IV. Um dia na vida de... – oficina de expressão dramática
- V. Oficina de expressão plástica e de movimento
- VI. Oficina de contar histórias com música

Enquanto os mais novos se divertem... desafie os outros pais!

Enquanto o grupo de crianças está na oficina, convide os outros pais para uma actividade na galeria. Preparámos algo de especial, só para os adultos, dentro das galerias de exposição. Sabia que têm sido um sucesso?

Férias do Verão na Culturgest

De 27 de Junho a 29 de Julho e de 5 a 9 de Setembro

Dos 4 aos 6 anos · Dos 7 aos 10 anos · Dos 11 aos 14 anos · Marcação prévia

Oficinas de 5 sessões (de manhã ou de tarde)
40 Euros · Desconto de 30% para colaboradores da CGD e na inscrição do segundo filho (desconto não acumulável).

Almoço disponível para inscrições de dia inteiro (marcação prévia e sujeito a lotação limitada).
O desconto não é aplicável sobre o valor do almoço.

Dos 4 aos 6 anos

Das 10h00 às 12h30 ou das 14h30 às 17h00 (excepto na semana de 27 de Junho a 1 de Julho e de 5 a 9 de Setembro)

Dos 7 aos 10 anos (obrigatória a frequência do 1º ciclo)

Das 10h00 às 13h00 e das 14h30 às 17h30

Dos 11 aos 14 anos (obrigatória a frequência do 2º ciclo)

Das 10h00 às 13h00 e das 14h30 às 17h30

[Dia 15 de Abril, no nosso site, descubra como vão ser estas oficinas...](#)

www.culturgest.pt
Ou solicite o programa mensal do serviço educativo através do e-mail: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt

Actividades para Grupos: crianças, jovens e adultos *

IndieJúnior'11 – Festival IndieLisboa

Marcação prévia · Lotação limitada · 2,5 Euros

Para mais informações
sobre as oficinas: [culturgest.
servicoeducativo@cgd.pt](mailto:culturgest.servicoeducativo@cgd.pt)
Fax 21 848 39 03

Para mais informações
sobre o festival:
escolas@indiejunior.com
213 158 399

De 6 a 13 de Maio de 2011

Oficinas práticas, para grupos organizados, relacionadas com a programação do IndieJúnior e que se realizam logo após a sessão de cinema.

* Solicite os nossos programas de divulgação, específicos para cada público.



Gedi Sibony. *The Cutters*, 2007/2010; *From Center*, 2010; *Her Trumpeted Spoke Lastly*, 2010
Cortesia Greene Naftali Gallery, Nova Iorque · Fotografia: John Berens

Visitas jogo

Duração aproximada: 1h15 · Marcação prévia · 1 Euro · Durante o Verão de 2011, manteremos o desconto para os grupos de Juntas de Freguesia e Câmaras Municipais

1+1+1=3

**Hermann Pitz, Michael Snow,
Bernard Voïta**

Até 22 Maio · Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 58 e 59



... 3 por todos Do pré-escolar ao ensino secundário

Esta exposição é tri-especial! 3 universos. 6 mãos. Muitos olhares. Consegues adivinhar o que se passa aqui? Vamos respirar o momento com as obras destes três artistas, tentando encontrar o que têm em comum. Visita jogo de movimento corporal.

Quem é o artista desta vez? Olha! São 3! Pré-escolar e 1º ciclo

Nesta visita jogo vamos transformar-nos em detectives! Num jogo divertido vamos conhecer três artistas que nos vão apresentar espaços que nunca vimos. Serão reais ou inventados? Consegues encontrar semelhanças entre eles? E diferenças? Só com um olhar bem atento é que irás descobrir!

Diz-me o que vês... quantas imagens de uma só vez? 2º e 3º ciclos

O que une e separa o trabalho de três artistas? Será fácil descobrir o que têm em comum? E as suas diferenças? Um olhar apurado pode revelar ilusões, desvendar imagens sobrepostas e até ajudar-nos a descobrir paisagens transformadas!

ZOOM IN Ensino secundário

Aproxima-te. Vê. Agora aproxima-te mais e vê outra vez. Será que uma imagem vista à distância se mantém idêntica quando nos aproximamos? Nas obras destes três artistas vamos perceber que neste jogo do zoom in e zoom out as imagens têm muito mais para nos revelar... novas perspectivas, novos pormenores e novos espaços!

Movimento X(IS) Pré-escolar e 1º ciclo

Que forças são estas usadas por Gedi? O que soma, o que subtrai, o que multiplica e o que divide este artista para que as suas obras vivam no espaço da exposição? Visita jogo através do movimento corporal.

Objectos perdidos e achados! Pré-escolar e 1º ciclo

Nesta visita vamos descobrir novas maneiras de olhar e sentir um objecto. Com o olhar muito atento, viajaremos entre eles para encontrar a poética que transforma os desperdícios em obras de arte.

A arte escondida dos objectos 2º e 3º ciclos

Com um olhar sempre atento ao que o rodeia, Gedi Sibony dá nova vida a objectos considerados inúteis. Nesta visita vamos descobrir como o olhar, a sensação, o material, o espaço e a composição podem ser tão importantes neste processo de transformação.



Mala pedagógica Disponível em suporte digital logo após marcação de visita à exposição.

Movimento X(IS) Do 2º ciclo ao Ensino secundário

Tomando o nosso corpo e o que trazemos com ele como matéria-prima, desafiamos-te a descobrir alguns dos pensamentos preferidos deste artista no momento de criar e colocar as peças na galeria. Visita jogo através do movimento corporal.

Subtilezas de um gesto Ensino secundário

Através da subtileza de um gesto, Gedi Sibony mostra-nos um novo olhar sobre objectos e materiais bem nossos conhecidos. Nesta visita vamos prestar atenção aos pormenores e descobrir um mundo de possibilidades de leitura e recontextualização de um objecto.

Visitas guiadas e visitas jogo a anunciar oportunamente.

Pedro Diniz Reis

De 2 Julho a 18 Setembro
Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 62 e 63



Hans Schabus

De 2 Julho a 18 Setembro
Galeria 2

Para mais informações
ver páginas 64 e 65

Criando o nosso percurso pela galeria

Para grupos organizados de todas as idades

Como poderá ser uma viagem dentro da galeria? Qual vai ser o percurso escolhido? Podemos inventar uma galeria-labirinto? Esta visita jogo parte do universo do artista Hans Schabus para propor ao visitante que se aventure numa viagem por um percurso alternativo, desenhado em grupo, em torno das obras e da galeria. Visita jogo direccionada para a expressão plástica.

Em movimento pela galeria

Para grupos organizados de todas as idades

Em movimento improvisado pela galeria e jogando com algumas dicas do próprio artista Hans Schabus vamos propor aos nossos visitantes uma forma diferente de ver espaços que já nos são familiares. Uma aventura com ponto de partida mas sem ponto de chegada: será possível? Visita jogo direccionada para a expressão corporal.

Visitas oficina

Inclui a visita à exposição · Duração aproximada: 2h00 · Marcação prévia · 2,50 Euros

1+1+1=3

**Hermann Pitz, Michael Snow,
Bernard Voïta**

Até 22 Maio · Galeria 1

Para mais informações
ver páginas 58 e 59

Oficina de expressão plástica

Para grupos organizados de todas as idades

Depois da experiência da exposição, nada melhor do que prolongar o momento através de uma oficina prática em que se pode pôr mãos à obra!

Oficina de movimento

Para grupos organizados de todas as idades

Depois da experiência da exposição porque não prolongar as vivências daquele momento e continuar com o corpo em movimento?

Criando o nosso percurso pela galeria

Para grupos organizados de todas as idades

Oficina de expressão plástica

Em movimento pela galeria

Para grupos organizados de todas as idades

Oficina de movimento

Hans Schabus

De 2 Julho a 18 Setembro
Galeria 2

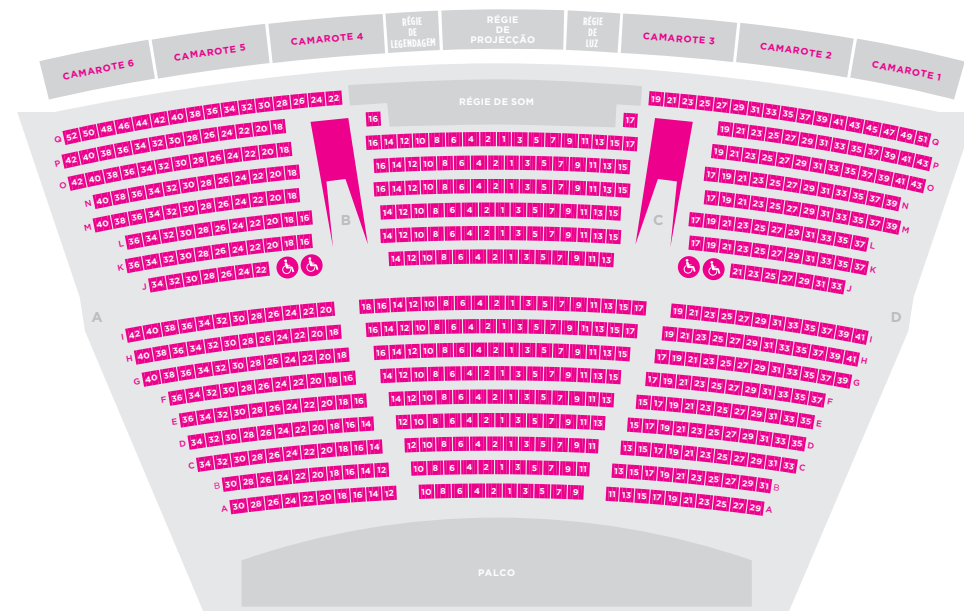
Para mais informações
ver páginas 64 e 65

Os colaboradores do Serviço Educativo durante esta temporada são:

Alice Neiva, Ana Nunes, Ana Reis, Ana Teresa Magalhães, André Castro, Diana Ramalho, Gina Tocchetto, Irina Raimundo, Isabel Gomes, Joana Barros, Joana Ratão, João de Brito, José Mateus, Leonor Cabral, Marta Castelão, Pietra Fraga, Raquel dos Santos Arada, Sara Correia, Susana Alves, Teresa Faria, Tiago Cadete, Tiago Pereira, Yola Pinto.

Inscrições e informações

Telefone: 21 761 90 78 · Fax: 21 848 39 03 · Email: culturgest.servicoeducativo@cgd.pt
Horário de atendimento telefónico: das 10h00 às 12h30 e das 14h30 às 17h30



Grande Auditório

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00 (última admissão às 18h30).
ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.
Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00 (última admissão às 19h30).
Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h00 às 19h00.
Em dias de espectáculo das 14h00 até à hora de início do mesmo.
Nos períodos em que não há exposições: de segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00. Sábados, domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00. Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições. Sábados, domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser levantados até 48 horas antes do espectáculo.

ASSINATURAS

Podem ser adquiridas para 4 ou mais espectáculos, beneficiando de um desconto de 40%. São válidas no limite dos bilhetes disponíveis. As assinaturas possibilitam a entrada gratuita nas galerias.

DESCONTOS

Exposições

30% a jovens até aos 25 anos, maiores de 65 anos, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** que o utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
Entrada gratuita a titulares do cartão **ICOM** e a jovens até aos 16 anos.
Entrada gratuita a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Espectáculos

30% a maiores de 65 anos, profissionais do espectáculo, funcionários e reformados do Grupo Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes) e titulares dos cartões **Caixagold**, **Visabeira Exclusive**, **Caixa Woman**, **Caixa Drive** e **Caixa Leisure**, que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
40% a titulares dos cartões **Caixautomática Universidade/Politécnico**, **ISIC** (International Student Identity Card) e **ITIC** (International Teacher Identity Card); titulares do cartão **Caixa Fã** e **Caixa Activa** que os utilizem como meio de pagamento (até 2 bilhetes).
50% a funcionários e reformados da Caixa Geral de Depósitos (até 2 bilhetes).

Jovens até aos 30 anos: 5 Euros.
Preço único sem descontos.

Os descontos não são acumuláveis.

LIVRARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 11h00 às 19h00. Encerra à terça-feira e nos períodos em que não há exposições. Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00.
Telefone: 21 790 51 55

CAFETARIA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 10h00 às 18h30. Sábados, domingos e feriados, das 14h00 às 20h00. Nos dias de espectáculo, até à hora de início do mesmo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa
Metro: Campo Pequeno
Autocarros: Campo Pequeno 54 e 56;
Av. da República 21, 36, 44, 45, 49, 83, 90, 91, 727, 732 e 738; Av. de Roma 7, 35, 727 e 767;
Praça de Londres 7, 22, 40 e 767

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00 às 18h00 (última admissão às 17h45)
ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.
Edifício Caixa Geral de Depósitos
Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h00 às 20h00
Encerra aos fins-de-semana e feriados
Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa
Telefone: 21 323 73 35
www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira Culturgest
21 790 51 55
culturgest.bilheteira@cgd.pt

Ticketline

Reservas e informações 1820 (24 horas)
Pontos de venda Agências Abreu, Galeria Comercial Campo Pequeno, Casino Lisboa, C.C. Dolce Vita, El Corte Inglés, Fnac, Megarede, Worten e www.ticketline.sapo.pt

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Parque gratuito

Os portadores de bilhetes para os espectáculos ou de convites para as inaugurações têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos. Nos dias úteis só é permitido o acesso ao parque para espectáculos que se realizem depois das 18h00.

Acesso a deficientes

Áreas acessíveis a deficientes, por rampas ou elevadores: parque de estacionamento, bilheteira, galerias e auditórios. Assistência a deficientes motores sempre que requisitada previamente na bilheteira. Entrada gratuita concedida a um acompanhante, no limite dos lugares disponíveis.

Programa sujeito a alterações.

As bilheteiras, as galerias e a livraria estarão encerradas nos dias 22, 24 de Abril e 1 de Maio.

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

ALUGUER DE ESPAÇOS NO CENTRO DA CIDADE

AUDITÓRIOS · SALAS · ASSISTÊNCIA TÉCNICA · HOSPEDEIRAS

Informações 21 790 54 54

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

APOIOS



Apoio na divulgação:



Fundação Caixa Geral de Depósitos - Culturgest

Edifício da Sede da CGD · Rua Arco do Cego, Piso 1, 1000-300 Lisboa
Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03 · culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Se quiser receber em sua casa
a programação da Culturgest telefone-nos,
escreva-nos, envie um fax ou um e-mail para
culturgest.newsletter@cgd.pt

▼ Destaque pelo picotado e dobre em três partes ▼

GALERIAS

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00
(Última admissão às 18h30).

ENCERRAM À TERÇA-FEIRA.

Sábados, domingos e feriados, das 14h00
às 20h00 (última admissão às 19h30).

Guias áudio disponíveis gratuitamente.

Visitas escolares e de grupos

Consulte o programa do Serviço Educativo.

BILHETEIRA

Horários de funcionamento

Bilheteira do átrio de entrada

De segunda a sexta-feira das 14h00 às 19h00.
Em dias de espectáculo das 14h00 até à hora
de início do mesmo. Nos períodos em que não
há exposições: de segunda a sexta-feira das
11h00 às 19h00. Sábados, domingos e feriados
das 14h00 às 20h00.

Bilheteira das galerias

De segunda a sexta-feira das 11h00 às 19h00.
Encerra à terça-feira e nos períodos em
que não há exposições patentes. Sábados,
domingos e feriados das 14h00 às 20h00.

Em ambas as bilheteiras podem adquirir-se
bilhetes para espectáculos e exposições.

Reservas

As reservas de bilhetes são, em regra, válidas
por três dias. Os bilhetes têm sempre que ser
levantados até 48 horas antes do espectáculo.

CULTURGEST

Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos
Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

CULTURGEST PORTO - GALERIA

Horário de funcionamento

Aberta de segunda-feira a sábado, das 10h00
às 18h00 (última admissão às 17h45)

ENCERRA AOS DOMINGOS E FERIADOS.

Edifício Caixa Geral de Depósitos

Avenida dos Aliados 104, 4000-065 Porto
Telefone: 22 209 81 16

CHIADO 8 ARTE CONTEMPORÂNEA

Horário de funcionamento

De segunda a sexta-feira, das 12h00 às 20h00
Encerra aos fins-de-semana e feriados.

Largo do Chiado nº8, 1249-125 Lisboa

Telefone: 21 323 73 35

www.fidelidademundial.pt

INFORMAÇÕES E RESERVAS

Bilheteira

21 790 51 55

culturgest.bilheteira@cgd.pt

Bilhetes à venda

Culturgest, Fnac, Worten, El Corte Inglés,

C.C. Dolce Vita, Ag. Abreu, Megarede

e www.ticketline.sapo.pt

Reservas Ticketline: 707 234 234

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

ABRIL AGOSTO 2011

CALENDÁRIO

Culturgest
uma casa do mundo